



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

EDIVALDO SIMÃO DE FREITAS

**SEMÂNTICA FILOSÓFICA EM WITTGENSTEIN:
UMA NOÇÃO DE SIGNIFICADO NAS *INVESTIGAÇÕES***

FORTALEZA

2018

EDIVALDO SIMÃO DE FREITAS

SEMÂNTICA FILOSÓFICA EM WITTGENSTEIN:
UMA NOÇÃO DE SIGNIFICADO NAS *INVESTIGAÇÕES*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Filosofia da Linguagem e do conhecimento.

Orientadora: Profa. Dra. Joelma Marques de Carvalho.

FORTALEZA

2018

EDIVALDO SIMÃO DE FREITAS

SEMÂNTICA FILOSÓFICA EM WITTGENSTEIN:
UMA NOÇÃO DE SIGNIFICADO NAS *INVESTIGAÇÕES*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Filosofia da Linguagem e do conhecimento.

Aprovada em: 16 / 02 / 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Joelma Marques de Carvalho (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Cícero Antônio Cavalcante Barroso
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a Claudiana Nogueira de Alencar
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F1s Freitas, Edivaldo Simão de.
Semântica Filosófica em Wittgenstein: uma noção de significado nas Investigações/
Edivaldo Simão de Freitas. – 2018.
85 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte,
Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Fortaleza, 2018.
Orientação: Profa. Dra. Joelma Marques de Carvalho.

1. Wittgenstein. 2. Filosofia da Linguagem. 3. Semântica Filosófica. 4. Significado. 5. Nova imagem semântica. I. Título.

CDD 100

Ao meu amado Elienai (*In memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Ao Todo-Poderoso Adonai cujas luzes me foram indispensáveis durante o período difícil de perdas.

À CAPES pelo auxílio financeiro por meio da bolsa de pesquisa.

Ao CAPS pelos medicamentos e as terapias psiquiátricas que me são úteis à vida.

À prof^a Joelma pela paciência, pelo incentivo, pela orientação e amizade desde a graduação até o presente mestrado.

Aos professores Cícero e Claudiana, obrigado pelas ótimas observações e pela amizade.

Aos meus familiares: Edilene (irmã), Sophia (sobrinha), Elisabete (mãe), Erileuda, Novinho, Elenir, Soraya, entre outros.

Aos amigos a quem muito estimo com tanto carinho: Virgínia, Acrísio, Naile, lamara, Edna, Lília (prof^a), Larissa, Elitânia (te adoro!), Tainan, Fadma, Luiz, Maria Lúcia, Maressa, Felipe B., Tereza, Ila, Arquimedes, Natan, Suelen, Ada, Geirivanda, Telma, Solange, Pedro, Ícaro G.(meu bem), Jéssyca Aragão, Prof^a Ana Maria (obrigado pelo estímulo!), Celina (um beijo no seu coração meu bem, obrigado pela franca amizade), Cinthya (com muito carinho e amor, te adoro meu bem, e obrigado pelas preces), Inácio (um beijo meu caro). Enfim, agradeço a todos que estiveram ao meu lado nesse momento difícil.

“Beschreiben, nicht erklären”
(WITTGENSTEIN apud HOSSEINI, 2007,
p.54)¹

“Toda *explicação* tem que sair e em seu lugar entrar apenas descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, seu objetivo, dos problemas filosóficos.” (*IF*, §109.

¹ Tradução: “Descreva, não explique.

RESUMO

Este presente trabalho trata-se de um estudo que visa descrever as etapas por quais passou Wittgenstein para apresentar seu novo paradigma semântico filosófico nas *Investigações Filosóficas (IF)*. Tais etapas centram-se nos seguintes eixos: (i) a crítica da imagem agostiniana da linguagem, com intuito de fundamentar a nova imagem linguística, bem como a nova imagem semântica; (ii) exposição do ensino ostensivo como prática pedagógica que fundamenta o aprendizado das palavras a partir do uso que fazemos delas; (iii) apreensão terminológica da palavra *Bedeutung*, classificando-a como termo fundamental para a semântica wittgensteiniana; (iv) exposição das categorias conceituais para a construção do seu novo modo de pensar acerca do significado, essas categorias são as seguintes: jogos de linguagem, semelhanças de família, formas de vida e seguimento de regras de uso.

Palavras-chave: Wittgenstein. Filosofia da linguagem. Semântica Filosófica. Significado. Nova imagem semântica.

ABSTRACT

The following paper presents a study which aims to describe the stages Wittgenstein went through in order to present his new philosophical semantic paradigm in *Philosophical Investigations (PI)*. Such stages are centered on the following axes: (i) the critique of the Augustinian picture of language in order to base a new linguistic image as well as a new semantic image; (ii) exposition of ostensive teaching as a pedagogical practice which bases the learning of words on people's use of them; (iii) terminological apprehension of the word *Bedeutung*, classifying it as a fundamental term for Wittgensteinian semantics; (iv) exposition of conceptual categories for the construction of a new way of thinking about meaning, these categories are as follows: language games, family resemblances, forms of life and following rules.

Key words: Wittgenstein. Philosophy of language. Philosophical Semantics. Meaning. New semantic image.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- TLP – Tractatus Logico-Philosophicus
- IF – Investigações Filosóficas
- GF – Gramática Filosófica
- SSR – Sobre o Sentido e a Referência

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. A VISÃO AGOSTINIANA SOBRE LINGUAGEM: FUNDAMENTOS PARA A SEMÂNTICA DE WITTGENSTEIN	16
2.1. A imagem agostiniana da linguagem: crítica de Wittgenstein	16
2.2. Definição ostensiva e ensino por ostensão	28
3. TERMO <i>BEDEUTUNG</i> E AS CATEGORIAS CONCEITUAIS DA SEMÂNTICA DE WITTGENSTEIN	42
3.1. <i>Bedeutung</i>	42
3.2. Jogos de linguagem	51
3.3. Semelhanças de família	63
3.4. Formas de vida.....	66
3.5. Seguimento de regras	70
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS.....	82

1. INTRODUÇÃO

Ludwig Wittgenstein (1889 – 1951) dedicou parte de sua vida ao tema do significado. Suas concepções acerca do significado tiveram grande repercussão no seio da filosofia do século XX, mais precisamente no âmbito da semântica da filosofia analítica da linguagem, bem como outros campos interdisciplinares como linguagem computacional, linguística, entre outros.

Sabe-se que sua grande obra o *TLP*, apresenta uma concepção de significado que ainda conserva vínculo com a tradicional filosofia da linguagem, tal como, as marcas da influência de Frege e de Russell exerceram sobre ele nesta primeira fase de exercício filosófico. No entanto, é sobre a segunda fase de sua produção filosófica que iremos nos deter, pois entendemos que esta foi um novo modo de abordagem filosófica, que o levou a escrever as *IF*, livro publicado postumamente.

O objetivo central da presente dissertação é descrever a teoria semântica de Wittgenstein nas *Investigações Filosóficas (IF)* a partir de uma exposição de um conjunto de outros conceitos basilares que formam uma nova imagem da linguagem. Ao perceber que havia uma significativa relação entre a linguagem e a ação humana, ele passa a falar de linguagem como uma prática de jogo, e mais, como são muitos os “jogos de linguagem” e estes guardam semelhanças familiares, consequentemente ele afirma que há uma diversidade de formas de vida existentes que possibilitarão as diversas “jogadas e/ou lances” através de regras que devem ser seguidas. Por certo, ele rompe com sua antiga maneira de pensar e com a tradicional concepção de linguagem. Desse modo, descreveremos os vários passos formulados por Wittgenstein na exposição de sua nova concepção de significado, que terá como eixos: (i) sua crítica à visão agostiniana da linguagem, e (ii) sua nova formulação de imagem linguística, considerando o conjunto de categorias conceituais (jogos de linguagem, semelhanças de família, formas de vida e seguimento de regras).

Esta dissertação é composta por dois capítulos, a introdução e as considerações finais. No primeiro capítulo descreveremos (i) sua crítica acerca da imagem agostiniana da linguagem, a qual apresenta uma particularidade subjetiva quanto à apreensão do significado, a saber, a origem significativa (semântica) parte

da noção de que os objetos, os termos da linguagem denominam, recebem sua referência de formas diversas. Alguns termos são designados a partir da evocação sonora da voz, e outros, mediados pela voz, vêm acompanhados de gesticulações ou pelo ato de apontar, etc.

Na passagem da obra *Confissões*, que será alvo de descrição por Wittgenstein, apresentaremos a imagem linguística a partir de um modelo conceitual chamado de nomeação, que aponta para uma dicotomia básica entre linguagem e mundo, da qual decorre a pergunta pela relação entre palavras (linguagem) e objetos (mundo). Segundo Wittgenstein, Agostinho não se preocupou em diferenciar os termos, nem falar formas categóricas entre eles, visto que “não fala de uma diferença de espécie de palavras” (IF, §1). E nessa parte do capítulo, procuraremos recolher a visão criticada por Wittgenstein a respeito dessa relação de nomeação. A nomeação em Agostinho trata-se da aplicação da linguagem com intuito de fazer referência aos termos do mundo, entretanto, aparentemente, limitada e dogmática dentro da filosofia ocidental, e que em certos contextos parece gerar proposições que não se referem a um dado objeto no mundo, e parcialmente sem sentido.

(ii) A problemática da correspondência de ensino/aprendizagem pelo procedimento da nomeação a partir do processo que ele denomina de ostensão no caso do aprendizado das crianças, como apenas os lances de petições de objetos. Nessa ideia considera-se que as definições das expressões deveriam chegar a algum fim, sabendo que essas expressões não poderiam ser sempre indefinidamente dadas. A prática da ostensão é um meio pedagógico para se chegar a um objeto dado, pois este se faz valer da noção semântica a partir da nomeação em que o ensino de todas as palavras é descrito segundo seu modelo de apreensão linguística do objeto referido, entretanto esse procedimento pedagógico não é isento de problema.

Wittgenstein apontará uma problemática séria: todos os termos linguísticos se comportam categoricamente como termos substantivos ou nomes, e em segundo plano como outras espécies de palavras. A “definição ostensiva” estabelece um critério para designar o valor significativo dessas espécies de termos da linguagem dentro de seu contexto, entretanto quando uso alguma dessas categorias de palavras, o meu ouvinte (a saber, aquele que está em comunicação comigo) pode entender erroneamente o que quero definir, ou seja, “a definição ostensiva pode ser interpretada em *cada* caso como tal e, diferentemente” (IF, § 28). A ostensão daria

uma explicação a determinado uso – isto é, o significado – de um termo linguístico, mas esse mesmo elemento linguístico (o nome) e o elemento de fora no mundo (o objeto) não podem ser simplesmente, como queria Agostinho, uma relação baseada em apenas definições ostensivas, visto que sua condição unívoca traria problemas de descrição dos termos, não podendo discriminá-los ou categorizá-los mediante a multiplicidade linguística (semântica) por meio do emprego em seus diversos contextos de uso. Wittgenstein aponta para a questão de o ouvinte poder supor espécies distintas aos objetos referenciados, isto é, quando eu apresento ao ouvinte duas nozes, fazendo referência ao número “dois”, ele poderá entender que chamo de “dois” esse conjunto de sementes, não conseguindo fazer referência direta ao objeto que designa o número “dois”, e sim ao grupo de sementes, à quantidade de nozes, então entende-se que “aquele a quem se dá a definição não sabe então o *que* quer denominar com ‘dois’”(IF, § 28).

As IF são destinadas a criticar a teoria referencialista do significado projetada que consiste numa determinada visão da linguagem que se resume na seguinte fórmula: “[...] as palavras da linguagem denominam objetos – frases são ligações de tais denominações. – Nesta imagem da linguagem encontramos as raízes da ideia: cada palavra tem uma significação. Esta significação é agregada à palavra. É o objeto que a palavra substitui.” (IF, § 1), demonstrando que ela é insuficiente para explicar a totalidade dos fenômenos linguísticos, pois, de acordo com o filósofo vienense, não é possível reduzir todas as palavras a partir de aplicações gestuais como as ostensões, nem tampouco apenas por meio relações referenciais. Wittgenstein demonstra, por meio de outros exemplos, que palavras podem fazer referência, quero dizer, podem apontar o significado dos objetos, atividades, entre outras coisas. Se o significado de uma palavra fosse apenas o objeto por ela designado, ela perderia seu significado caso esse objeto desaparecesse, o que não garantiria que a relação entre nome e objeto seria de ordem correspondente, i. e., invalidaria o valor significativo intrínseco ao objeto e seu nome, visto que o referente já não pode ser elucidado a partir do ato ostensivo, tornando-se, assim, um nome sem designação.

No segundo capítulo descreveremos duas partes, a primeira relacionada ao termo semântico *Bedeutung*, cujo conteúdo teórico iniciou-se em Frege e deu origem a outras críticas a partir dele. Nesse tópico buscaremos explicar a relevância terminológica da palavra alemã (*Bedeutung*) para a semântica posterior de

Wittgenstein; a segunda parte será relacionada à nova imagem formulada por Wittgenstein, que se estrutura nas seguintes categorias: (i) *Os jogos de linguagem*: são um dos conceitos centrais para constituição de sua nova concepção semântica, trata-se de uma introdução reflexiva numa perspectiva de tornar claro como o significado pode ser entendido e apreendido como uso em uma determinada situação contextual e social; (ii) *semelhanças de família*: são categorias dentro dos jogos, onde o conceito de parentesco familiar dos jogos está unida por condições necessárias e suficientes para uma possível determinação do conteúdo semântico mediante os lances, isto é, o valor significativo (ou o significado) é determinado por um grupo de elementos que dividem traços de parentesco, e que são aplicados aos objetos ou termos linguísticos mediante um jogo; (iii) *formas de vida*: estruturas que se comportam, ou configuram-se como um conjunto que engloba os aspectos culturais e sociais dos falantes mediante os jogos de linguagem, por isso entende-se que a linguagem é parte constitutiva, isto é, ela é construída ou está fundada num conjunto das formas de vida. Os falantes de uma linguagem atribuem aos termos um valor significativo, um valor semântico. E esta atribuição que se efetiva no emprego dos termos está associada à forma de vida; (iv) *seguimento de regras*: as noções de usos e regras são projetadas conceitualmente por Wittgenstein, para constituir a natureza da necessidade gramatical, bem como de sua semântica filosófica madura. Aprendemos a jogar com regras não pela associação de peças a objetos, mas pela observação dos movimentos possíveis de tais peças, isto é, com o uso. Por isso há de se entender que uma proposição é um lance no jogo de linguagem; e assim ela não teria significado se estivesse fora desse determinado jogo. Além disso, a ideia do seguimento de regras é fundamental para uma aproximação mais adequada e segura dos jogos de linguagem.

2. A VISÃO AGOSTINIANA SOBRE LINGUAGEM: FUNDAMENTOS PARA A SEMÂNTICA DE WITTGENSTEIN.

2.1. A imagem agostiniana da linguagem: crítica de Wittgenstein

As observações seguintes, como veremos, surgiram de uma questão que se estabelece num caminho que conduz à reflexão de Wittgenstein na primeira parte de suas *IF*, tema que discutiremos nesse primeiro momento da nossa dissertação: a relação entre o nome (a expressão linguística, o termo ou elemento linguístico) e o nomeado (o objeto no mundo, o elemento extra-linguístico), justamente aquilo que o filósofo austríaco apontou como raízes da imagem em Agostinho, nas palavras de Wittgenstein: “toda palavra tem um significado, este significado é atribuído à palavra” (*IF*, § 1). Noutras palavras, é de suma importância aqui frisarmos que tal relação se constitui propriamente do termo *Bedeutung* – o significado –. Nesse primeiro momento não nos deteremos quanto ao contexto do termo alemão aqui apresentado, senão do que emerge ao contexto dos primeiros pressupostos que fundamentarão a crítica de Wittgenstein e sua concepção semântica.

Ao notarmos que Wittgenstein discute acerca dessa questão, tendo como ponto de partida o que, em sua observação crítica e filosófica, seria a visão agostiniana dessa relação (linguagem e mundo), parece-nos relevante dar-nos conta do que seja propriamente essa visão agostiniana, e com isso queremos estabelecer, a partir dela, os fundamentos que dialogam com a crítica de Wittgenstein, ou aquilo que ele entende por visão agostiniana da linguagem que estabelece sua noção de significado. Fica assim estabelecido o objeto desse nosso estudo: numa primeira parte, procuramos recolher, bem como descrever a visão de Wittgenstein a respeito da relação de nomeação, procurando fazer uma recepção da crítica de Wittgenstein a Agostinho, limitando-nos somente à primeira parte das *IF*, a saber, o que se encontra entre o § 1 e o § 693.

As primeiras observações de Wittgenstein escritas começam com apontamentos e críticas acerca das próprias observações e visão sobre linguagem e semântica de Agostinho numa passagem das *Confissões* citada no primeiro

parágrafo das *IF*. Embora no texto Agostinho não use propriamente a palavra semântica, pode-se deduzir desta passagem específica que, além de tratar acerca da linguagem de um modo geral, o conteúdo leva a uma relevante discussão que, a nosso ver, traz breves apontamentos sobre a questão do significado.

Convém ainda salientar que a noção que Agostinho traz acerca da linguagem é algo bem mais amplo e complexo do que a passagem que se inicia nas *IF*. Temos como exemplo outros escritos principais dos quais:

Ele trata mais amplamente desse tema sobretudo em quatro obras: no *De Magistro* (escrito entre 388 e 391), que é a sua obra mais importante sobre a linguagem, tratando do tema de maneira mais específica e detalhada; no *De Dialectica* (386-387), que também trata exclusivamente da linguagem, mas de maneira mais breve, além de ser uma obra inconclusa e de autoria duvidosa; no *De Doctrina Christiana – Libri IV* (426-427), onde trata da linguagem em vista da justificação de normas hermenêuticas de leitura da Sagrada Escritura; e no *De Trinitate libri XV* (399-412), onde reflete sobre a linguagem no âmbito da procura de atividades humanas e funcionamentos psíquicos que sirvam de analogia para o mistério trinitário. (VARGAS, 2009, P. 11)

Não queremos aqui fazer observações (descrições) acerca do que tratou Agostinho nesses referidos livros. Mostraremos como Wittgenstein se serviu do texto de Agostinho (*Confissões*) para dar início ao seu objetivo. Wittgenstein propôs fazer uma análise sobre algumas ideias acerca da linguagem que estiveram presentes no pensamento ocidental, e então, por conseguinte as criticou e apresentou a sua visão a respeito dos problemas levantados.

Vejamos a passagem citada por Wittgenstein nas *IF*, o que deu início a uma teoria que ficou denominada como *imagem agostiniana da linguagem*:

[Quando os adultos nomeavam um objeto qualquer voltando-se para ele, eu o percebia e compreendia que o objeto era designado pelos sons que proferiam, uma vez que queriam chamar a atenção para ele. Deduzia isto, porém, de seus gestos, linguagem natural de todos os povos, linguagem que através da mímica e dos movimentos dos olhos, dos movimentos dos membros e do som da voz anuncia os sentimentos da alma, quando esta anseia por alguma coisa, ou segura, ou repele, ou foge. Assim, pouco a pouco eu aprendia a compreender o que designam as palavras que eu sempre de novo ouvia proferir nos seus devidos lugares, em diferentes sentenças. Por meio delas eu expressava os meus desejos, assim que minha boca se habituara a esses signos.] (*IF*, § 1)

De acordo com Wittgenstein, aparentemente haveria para Agostinho uma essência subjacente que dá fundamento à linguagem humana, e que ela está, de uma forma, sendo referenciada nesse excerto logo acima, cada termo (ou palavra)

possui um teor significativo. Cada termo designa um objeto, e cada objeto delimita o significado particular, então afirma o filósofo: “Nesta imagem da linguagem encontramos as raízes da ideia: toda palavra tem um significado. este significado é atribuído à palavra, ele é o objeto que a palavra designa.” (*IF*, § 1)

Cria-se, então, um problema: O que a determina como raiz da essência da linguagem na concepção do mestre de Hipona? No excerto, Agostinho faz uma descrição elementar de como aprendeu a falar e, certamente a partir daí, Wittgenstein passa a discutir posteriormente a finalidade básica do uso da linguagem. Por isso é possível entender que “aproximação entre aprendizagem da linguagem e as condições de uso é talvez o maior fundamento da teoria de significação proposta por Wittgenstein nas *Investigações Filosóficas*.” (SANTOS e MULINARI, 2015, p. 387)

Há sim uma razão fundamental para constituir essa imagem como raiz da essência da linguagem humana. A passagem da obra *Confissões*, que citamos acima, apresenta a imagem linguística a partir de um comportamento humano chamado de nomeação. Daí, se compreender que, segundo o excerto agostiniano, cada elemento linguístico elementar, e os elementos extra-linguísticos do mundo possuem uma correspondência unívoca, em outras palavras, cada elemento da linguagem é parte duma relação que constitui um ato de dar um nome a cada coisa (os objetos) de fora.

Passemos a considerar esse excerto de Agostinho. Nota-se que ele dá uma formulação basilar de uma imagem particular do objeto referente, e cuja relação (entre nome e nomeado) Wittgenstein, no § 1 das *IF*, denominou de essência da linguagem humana, isto é: os objetos recebem o batismo a partir dos termos (palavras), em poucas palavras, as palavras nomeiam os objetos que estão no mundo, aquilo que denominamos antes de elementos extra-linguísticos, e por conseguinte, esses nomes evocados dessa relação unívoca dão origem às sentenças.

Tal concepção acerca de uma concepção semântica feita por Wittgenstein, de fato, não é vista na passagem que Agostinho escreveu, queremos dizer: a noção teórica acerca do significado não é exposta no texto agostiniano, entretanto, aquilo que Wittgenstein (*IF*, § 1) afirma: “Toda palavra tem um significado”. Com tal assertiva podemos, realmente, encontrar suas bases fundamentais nessa imagem agostiniana. Ou seja:

Esse texto nos apresenta certa relação entre palavras e objetos como sendo a essência da linguagem (“o objeto fora designado pelo som”). Mais do que isso, apresenta-nos uma imagem da linguagem segundo a qual ela é concebida a partir de uma dicotomia básica, entre linguagem e mundo, da qual decorre a pergunta pela relação entre palavras (linguagem) e objetos (mundo) e a afirmação de que os nomes corresponderiam a objetos. (CARVALHO, 2006, p. 51)

Ao perceber essa relação das coisas externas (os objetos da realidade no mundo) com aquilo que é proferido (a linguagem), é inevitável atentar que esses elementos, como já dissemos, tem uma relação que estabelece uma entidade unívoca. E que, no entanto, essa entidade, a palavra (o termo), não recebe categorização. Os termos (as palavras) não estão divididos em categorias, pois “Santo Agostinho não fala de uma diferença de espécies de palavras” (*IF*, § 1). Teriam essas palavras uma homogeneidade categorial, isto é, ao invés de falarmos de classes de termos (palavras), como fazem os gramáticos, falaríamos de uma única espécie de palavra?

E onde podemos vincular essa imagem do mundo nessa relação (elemento linguístico e elemento externo)? O que seria a imagem, senão a própria linguagem espelhada nas palavras que descrevem os objetos do mundo? Acreditamos que a linguagem em Agostinho como expressão da imagem do mundo parece descrever os objetos de forma primitiva, como descreve Wittgenstein, pelo ato de apontar, pelos gestos, pela forma de olhar, etc. E o significado estabelece-se nessa relação dessas ordens, quero dizer, a primeira ordem por meio da linguagem, que também chamamos de elemento linguístico, e a segunda ordem pelo objeto, aquilo que denominamos anteriormente de elemento extra-linguístico ou, melhor dizendo, o elemento de fora, no mundo. Ou seja: a semântica de Wittgenstein é fundamentada na crítica dessa relação, partindo de uma nova construção, onde ele formula uma nova imagem e rejeita a visão de Agostinho. E o que podemos notar dessa relação senão:

[...] que se abrem e que serão, então, concebidas não só como separadas, a linguagem de um lado, o mundo do outro, mas como correspondentes, cada elemento da linguagem correspondendo a um elemento no mundo, e, portanto, apresentando-se a linguagem como uma *imagem* do mundo. (CARVALHO, 2006, p. 51)

Conforme a crítica de Wittgenstein, essa imagem do mundo ou essência da linguagem é sujeita ao que Agostinho descreveu como ato de aprendizagem. É na

aprendizagem que se efetiva a linguagem, no entanto o modelo agostiniano desconsidera a categorização, as espécies de palavras que se encaixam nas classes nominais como substantivos, adjetivos, pronomes, entre outras classes, parecem não fazer parte da gramática do mestre de Hipona. Eis a primeira problemática apontada por Wittgenstein, como bem afirma Carvalho (2006, p. 51): “o modelo agostiniano desconsidera qualquer diferença entre tipos de palavras, apesar de parecer estar pensando principalmente em nomes como ‘mesa’, ‘cadeira’, ‘pão’ e nos nomes próprios”.

Não foi de outra maneira, nem pela simples escolha alheia que Wittgenstein escolheu Agostinho, mas porque o filósofo austríaco considerava-o de forma singular e que demonstrava uma clareza acerca da concepção da linguagem. Agostinho, sem dúvida, não imaginava que poderia ter alcance aos teóricos contemporâneos, e muito menos que seus escritos serviriam de fundamento para críticas e novas formulações. Posteriormente Wittgenstein descreve, critica e por fim rejeita essa visão de imagem da essência da linguagem humana desenvolvida pelo bispo de Hipona.

Nem sempre foram assim suas concepções acerca da linguagem, bem como sua teoria do significado. Em períodos anteriores, Wittgenstein havia tomado ideias a partir das teorias de Frege e Russell, na sua famosa obra *Tractatus Logico-Philosophicus* (*TLP*). E contrapondo à sua maneira antiga de pensar, acaba por fornecer novas discussões e uma nova concepção de linguagem e significado nas *IF*. Antes de adentrarmos no contexto das *IF*, queremos aqui trazer algumas noções do contexto de duas teses importantes do *TLP*. E conforme Moreno (2000), Marques (2005) e Penha (2013) podemos afirmar que são duas teses que entram na discussão central do estabelecimento de uma concepção de linguagem, bem como uma semântica no *TLP*.

A primeira tese desenvolve-se por uma preocupação de sabermos como representamos o mundo. Não há outro modo, pelo que possamos ter êxito, senão pela nossa capacidade representativa através da linguagem. E essa linguagem se baseia ou se fundamenta num aspecto intrínseco de idéia de representação (ou afiguração). Ora, a linguagem tem esse aspecto, essa essência: a afiguração, que é o modo como ela nos mostra a realidade no mundo.

Uma afiguração sempre representa uma realidade, conforme Wittgenstein (§ 2.12): “A afiguração é um modelo da realidade”. É preciso esclarecer algo antes de

continuarmos. Alguns leitores desavisados não atentarão para o termo “figuração”, esta é uma tradução portuguesa do termo alemão “Bild”. “Bild” também pode ser traduzido por “imagem”, daí se entender que figuração é algo como uma imagem de um estado de coisas, algo como um retrato fotográfico. Ou seja, o filósofo austríaco pensou assim, porque entendia que a linguagem consegue representar imagetivamente o mundo. Uma figura (imagem) é um substituto do fato, isto é, é algo análogo ao fato na realidade. Essa questão da imagem é um traço importante da concepção posterior que Wittgenstein tratará nas *IF*.

A teoria da imagem², como queremos chamar aqui, quer nos apontar como é possível fazer uma representação do mundo. Com essa teoria é possível inferir como podemos enunciar as proposições significativas. Wittgenstein queria realmente entender como nossa capacidade linguística, isto é, nossa linguagem ordinária pode representar o mundo. Por isso: “Uma figuração consiste, assim, em uma ligação existente de elementos que projeta uma ligação de objetos que pode vir a ocorrer na realidade, uma figuração é um fato que projeta uma situação possível.” (MARQUES, 2005, p. 21). Afirmemos, então, Toda forma de afiguração é uma forma de representação lógica, pois ela (a representação) se assemelha à forma do que é representado, visto que proposições representam fatos, e toda proposição tem uma forma de representação, onde essa forma de representação espelha a forma do representado.

Com essa construção da teoria da imagem, é certo afirmamos que uma imagem representada por uma proposição significativa, é uma espécie de modelo de representação configurativa possível da realidade, de tal forma que passamos a entender a apreender seu sentido na proposição, isto é, passamos a saber que determinada situação é existente na realidade, se a proposição for verdadeiramente lógica. Como afirma Moreno (2000, p. 23): “A tarefa do *Tractatus* reside, justamente, em colocar em evidência essa forma lógica da linguagem e do mundo... [...]”. Ou seja:

A realidade deve, por meio da proposição, ficar restrita a um sim ou não. Para isso, deve ser completamente descrita por ela. A proposição é a descrição de um estado de coisas. Como a descrição de um objeto o descreve pelas propriedades externas que ele possui, a proposição descreve a realidade pelas propriedades internas que esta possui. A proposição constrói um mundo com a ajuda de uma armação lógica, e por

² Mais conhecida como: teoria figurativa ou teoria pictórica.

isso pode-se muito bem ver na proposição como está, se ela for verdadeira, tudo que seja lógico. [...] (*TLP*, §4.023)

As proposições significativas dão uma caracterização de como estrutura-se a realidade, ora essa realidade no mundo segue um modelo semântico defendido no *TLP*. E as primeiras observações dadas por Wittgenstein tratam exatamente da concepção ontológica onde uma linguagem deve ser possível, e essa caracteriza a realidade. E a partir do que discutimos logo acima sobre a primeira tese, poderemos assumir uma segunda tese: a da concepção ontológica.

Essa concepção ontológica, a partir de uma linguagem lógica, desenvolvida por Wittgenstein inicia-se nos primeiros parágrafos do *TLP*, começando desde o aforismo 1 até o aforismo 2.063. Esse conjunto de aforismos projeta a concepção wittgensteiniana de estrutura essencial da realidade no mundo. E tendo iniciado sua teoria da linguagem pelo ontológico, Wittgenstein parece iniciar com o simples, aquilo que está mais acessível, permitindo uma conjuntura analisável, onde a estrutura lógica da linguagem tem uma correlação estrutural com o mundo, isto é: os elementos linguísticos tem correlação com os elementos da realidade. Seria possível dizer algo sobre a realidade sem que já houvésemos pré-estabelecido um meio, uma instrumentalização? A linguagem seria esse meio para a discussão. Wittgenstein parece colocar a concepção ontológica como primeira temática por considerar que a linguagem cotidiana possui as ferramentas apropriadas para o entendimento da discussão.

Com base no que afirma Santos (2010), a ontologia, como parte ramal da metafísica, tende a ser entendida como o estudo do que existe, ou seja, dos constituintes mais elementares e particulares da realidade no mundo e também do próprio conceito de existência. Ora a ontologia do *TLP* estruturada pelo filósofo austríaco pode ser entendida então como a descrição do que há, dos constituintes mais básicos da realidade expressa no mundo, de como a realidade é constituída da ligação de objetos e do que são esses objetos. Em outras palavras, Wittgenstein desenvolve uma teoria ontológica que pressupõe uma linguagem constituída de elementos primários, daí que:

...suas reflexões a respeito da linguagem e do mundo implicam um modo de entender quais são as estruturas básicas da realidade, que neste caso, são os fatos e os objetos, de modo que essas reflexões o levaram a identificar propriedades necessárias que os elementos mais básicos da realidade

possuem para que a linguagem possa assim representar esses elementos. (SANTOS, 2010, p. 46)

No *TLP* Wittgenstein apresenta sua teoria ontológica como uma estrutura formada, exclusivamente, a partir da afirmação de fatos e de objetos. A realidade dos fatos não se restringe a realidade dos objetos, embora estes objetos ocorram interligados uns aos outros no interior dos fatos, sendo então esses fatos um modo de efetivação entre esses objetos.

Para Wittgenstein “o mundo resolve-se em fatos” (*TLP*, § 1.2), e estes são a existência de estados de coisas. “Estados de coisas são ligações de objetos (coisas)” (*TLP*, § 2.01). Como vimos nesses trechos, a composição de um fato se dá pelos estados de coisas que são componentes atômicos, sendo os fatos (complexos). Ora o fundamento de sua ontologia está nos objetos que podem ser conhecidos no interior dos estados de coisas. Daí que esse caráter ontológico defendido pelo filósofo austríaco, dá garantia à linguagem, dela poder descrever com exatidão a realidade no mundo, melhor dizendo, essa linguagem lógica pode afigurar o mundo, mas para isso as proposições dessa linguagem precisam ter sentido, e o sentido de uma proposição depende unicamente dos significados dos seus nomes correspondentes, o que queremos dizer: os nomes têm que corresponder aos objetos de sua designação, ou seja, o significado é o objeto ligado ao nome.

Ao rejeitar a ideia de que os nomes significam objetos simples que constituem a base fixa do mundo, Wittgenstein alterou profundamente sua concepção de sentido (*Sinn*). Este não está mais condicionado à proposição que descreve um fato possível. Sua base agora está na própria linguagem, enquanto uso, que tem seu sentido determinado por práticas coletivas e não numa relação especular com o mundo. De fato, sua nova abordagem, nas *IF*, declara que a linguagem é liberada da necessidade de representar objetos para ter sentido e passa a ser vista como jogos de linguagem, variados e constantemente mutáveis. Conseqüentemente, também sua concepção de significado (*Bedeutung*) nas *IF* muda radicalmente em relação àquela que ele sustentou em sua primeira obra (*TLP*). O significado não é mais a representação de um objeto, mas, o significado de uma palavra passa a ser o seu uso na linguagem. Iremos discorrer com maior detalhes nas próximas páginas, entretanto é preciso introduzir o contexto da discussão nas *IF*, e seu novo modo de pensar sua semântica.

O trecho das *Confissões* de Agostinho, inserida nas *IF*, é fonte do que viria depois a ser chamado por teoria da nomeação, e, como já observamos anteriormente, Wittgenstein a critica e rejeita essa essência da linguagem. O ato de nomear não somente caracteriza a visão essencialista da linguagem, como dá base para o que Wittgenstein afirmará “que se trata de uma representação de uma linguagem mais primitiva do que a nossa” (*IF*, § 2). Daí entender-se que Santo Agostinho, de certa maneira, pôs em discussão uma concepção de imagem que estabelece um modo de pensar sobre a aquisição da linguagem, expondo um quadro que molda pressupostos para linguistas e filósofos.

Permanecendo em nossas observações e descrições, ainda, acerca do excerto agostiniano, podemos concluir algumas deduções fundamentadas nesse trecho a partir da crítica que faz Wittgenstein: a) todas as palavras pertencem à classe dos nomes, visto que Agostinho não as categoriza, daí perceber-se também que significativamente não há distinção tipológica entre esses mesmos termos, as palavras são categoricamente unívocas; b) se denominarmos os objetos, pelo exemplo abstraído do filósofo austríaco, seguindo a mesma noção da observação anterior, ao que parece, a linguagem em Agostinho tem uma fundamentação que rege sua constituição: sua essência é composta unicamente de termos substantivos (“mesa”, “cadeira”, “pão”) – o que garante essa classificação é a própria designação clássica regida pelos gramáticos antigos –, e termos como os nomes próprios.; c) já alicerçados os termos fundamentais que constituem a linguagem, somente a partir deles (os termos substantivos) poder-se-á fazer referência a outros tipos, como certas atividades, qualidades e conseqüentemente outras que poder-se-á encontrar, tratando-as da mesma forma tal qual os termos nominais. Essas deduções enumeradas acima, compreendemos como algo um tanto absurdo, e Wittgenstein opõe-se a esse desenvolvimento construído pelo filósofo de Hipona.

Como bem observa Wittgenstein, os termos linguísticos são exemplos particulares, e por que não dizer também singulares, que evocam a função representativa da linguagem, ou seja, são exemplos do que ele denominou de imagem. E como então podemos definir a imagem agostiniana, senão como aquilo que torna comum todos os modos de representação linguística capaz de fazer com que os próprios termos da linguagem possam se estabelecer na representação por meio dos objetos de fora, no mundo, ou seja, os termos extra-linguísticos da

realidade efetivam os termos substantivos com base nessa imagem: o ato de nomear.

Outra maneira de mencionar a visão agostiniana da linguagem, entre os especialistas, é denominá-la de visão representacionista. A linguagem em Agostinho tem a função apenas de representar, os termos apenas fazem referência a um objeto, o que se estabelece numa via de mão única. Nota-se então, que sua preocupação inicial é designar objetos a partir dos termos substantivos – como: “pão” e “mesa”. Atentemos para a seguinte descrição:

Imaginemos uma escrita na qual seriam usadas letras para designar sons, mas também para designar a acentuação e os sinais de pontuação. (Pode-se conceber uma escrita como uma linguagem para descrever imagens sonoras.) Imagine agora que alguém compreendesse aquela escrita como se cada som correspondesse simplesmente a cada letra e as letras não tivessem também funções bem diferentes. A concepção agostiniana da linguagem assemelha-se a uma tal, muito simples, concepção da linguagem. (*IF*, § 4)

Como descreve Wittgenstein a partir de seu ponto de vista, a imagem agostiniana se torna limitada, pois a linguagem não está resumida em mera *designação*, ou seja, existem termos da linguagem em que os significados não possuem um objeto como referência, de outro modo a imagem não dá conta das diversidades contextuais que os termos podem designar. Daí vem outra problemática quando Wittgenstein posteriormente postula o conceito de *jogos de linguagem*³. Por isso Silva afirma que há dois caminhos para a crítica da linguagem agostiniana:

a) cada palavra da linguagem possui uma referência e um objeto que lhe corresponda e que se aprende por nomeação. Ora, este conceito de significado e de referência não se aplica a todos os jogos de linguagem; b) a aplicação da linguagem agostiniana é limitada e dogmática dentro da filosofia ocidental, fazendo brotar proposições sem sentido (SILVA, 2012, p. 46).

Apesar da problemática sobre a referência unívoca, a nomeação onde o termo linguístico parece apenas apontar para um único objeto de fora, para Wittgenstein essa teoria da imagem agostiniana da linguagem não lhe pareceu

³ Não faremos observações acerca desse conteúdo nessa parte do texto, apresentaremos de forma detalhada num capítulo posterior. Por hora, basta frisarmos que a imagem, isto é, a relação nome e objeto não dá conta dos vários usos da linguagem em que estão inseridos os vários termos (palavras) e sentenças.

apenas importante como origem filosófica em torno do qual giram muitas postulações e teorizações equivocadas (inclui-se aqui a sua própria obra: *TLP*). Daí que nosso intuito aqui tem sido mostrar, bem como descrever o centro dessa origem filosófica que fundamentou sua crítica, fomentando assim, uma nova concepção sobre noção de significado, isto é, surge então uma semântica nova e conceitos que postulam formulações que deram origem a uma reviravolta linguística.

Faustino (1995, p.10) afirma que nessa teoria agostiniana há afirmações e particularidades cujo teor não é teoricamente pleno nas outras postulações que vieram a partir dela. Entretanto os fundamentos que surgiram em Wittgenstein através de suas críticas a essas afirmações e particularidades fazem surgir uma nova luz que clareia o trajeto de sua *última filosofia*⁴. Não se fará aqui toda uma explanação exaustiva acerca dessa crítica a essas particularidades, mas apontamentos que tangem de forma objetiva a concepção essencialista de Agostinho.

Cabe-nos aqui, ainda, discutirmos um pouco a razão pela qual Wittgenstein escolhera Agostinho, e exatamente esse trecho das *Confissões*. Não vemos outra razão, senão a que o próprio texto dá por si só, e é essa a explicação que virá depois nas observações acerca da linguagem, bem como em torno dela: a noção de significado.

No excerto, Agostinho faz a menção à educação e do aprendizado das primeiras palavras, isto é, descreve o procedimento de como aprendeu a falar, e é essa descrição o ponto determinativo e que coincide com uma certa concepção acerca da finalidade elementar e cuja a função, a partir do uso, desperta interesse em Wittgenstein. Tal finalidade é concernente ao aprendizado ou aquisição da linguagem. Colocar as possibilidades do aprendizado da linguagem em mesmo contexto ao uso da linguagem, ou seja, condicionar sua aquisição à prática, pareceu-lhe (a Wittgenstein) isso o que tornou claramente coerente a intuição feita por Agostinho (FAUSTINO, 1995, p. 11). No entanto o filósofo austríaco aponta outros problemas advindos dessa reflexão, veja-se:

[...] a ideia de que o aprendizado da linguagem se dá pelo aprendizado de nomes, na qualidade de “sinais de objetos” (*rerum signa*), e, por outro lado,

⁴ Convém aqui destacar que Silva (2012) apenas menciona as *IF* como obra última, embora se saiba por outros críticos, como Von Wright, Wilde, Moyal-Sharrock, Brenner, entre outros, que seu último modo de pensamento está na obra *Da Certeza*.

a ideia de que aprendemos a linguagem exclusivamente para exprimir verbalmente nossas afecções. (FAUSTINO, 1995, p. 11)

O ponto a rever também é: a ideia de que há para cada termo linguístico uma única referência possível, um só objeto ou coisa, ou seja, para cada palavra da linguagem um elemento externo ou extra-linguístico, dá-se aí, como já vimos, uma correspondência de ensino/aprendizagem pelo procedimento da nomeação. Contudo para Wittgenstein a concepção agostiniana da linguagem, além de apresentar um paradigma linguístico formulado e contendo categorias mediante um conceito filosófico de significado (*Bedeutung*), apresenta também a “suposição de que as operações básicas da linguagem são operações ‘mentais’ ou ‘intelectuais’” (FAUSTINO, 1995, p.11). Essas operações dariam margem para desencadeamento da expressão verbal do desejo, vontade (são os sinais externos), e dos sentimentos da alma (são os sinais internos).

Como percebemos, a semântica de Wittgenstein é proveniente da crítica a esses dois conceitos fundamentais apontadas por Faustino (1995), um conceito do “significado” de um lado, o conceito de “mente” do outro, aquele onde se efetiva na qualidade de sinais de objetos, e este que se efetiva nas operações mentais, onde ambas se ligam, estão como que unidas no ato da expressão linguística, ou seja, “[...] a concepção agostiniana da linguagem parece provir diretamente dessa junção conceitual” (FAUSTINO, 1995, p. 12). E é isso que nos interessa, ao nosso ver, apontar noções, aqui, acerca desses dois elementos, haja visto que entendemos como se processa, junto ao contexto do significado, o que explanamos sobre essência da linguagem. Então o conceito de significado que gira em torno da teoria agostiniana da linguagem, como vimos nesse trabalho, encerra a ideia que há para cada termo verbal um elemento referente (e extra-linguístico), que se dá pela prática do ensino a partir do ato de nomear.

A crítica de Wittgenstein à imagem agostiniana encerra dois caminhos importantes, os quais foram: a) identificar a descrição do significado do termo linguístico (signo) com a descrição do seu uso no contexto prático, isto é, seu uso no que ele chama de jogo de linguagem determinado; b) apontar o aspecto funcional que essa descrição significativa (semântica) do termo linguístico pode realizar mediante o uso da palavra (em prática, em ato). Tudo isso descrito por nós está entrelaçado com a questão do ensino/aprendizagem que Agostinho descreve no trecho de suas *Confissões* registrado nas *IF* por Wittgenstein.

Wittgenstein busca trazer para o interior da reflexão gramatical o vínculo possível entre dois conceitos que podemos extrair da passagem agostiniana: a noção de “ensino”, e a noção de “significado”. E desse vínculo, ele pôde apreender e analisar que a linguagem é atividade controlada por regras que podem ser aprendidas e ensinadas. (FAUSTINO, 1995, pp. 12 e 13). E dessa relação de nomeação, isto é, de nome e objeto nomeado, estabelece-se como núcleo de qualquer linguagem natural, desde as linguagens verbalizadas pela voz às linguagens gestuais as quais nos introduzem teoricamente nas definições ostensivas: o conteúdo que trataremos no ponto dois deste capítulo. E juntamente a essas, Wittgenstein faz um contraponto: discutindo o que ele chamou de ensino ostensivo das palavras.

2.2. Definição ostensiva e ensino por ostensão.

Haja vista toda a contextualização acerca da visão essencialista da linguagem em Agostinho, chegamos a pelo menos algumas problemáticas apontadas. Queremos agora nesta parte da discussão tentar entender como se dá a questão do ensino por meio ostensivo.

Mas o que é a ostensão, senão o ato de apontar, e é esta uma das práticas pedagógicas que pode garantir a inclusão do termo linguístico (signo) no contexto elementar e primário que formula a própria aquisição dele (do termo), e dessa aquisição, mediante um contexto comunicativo, irá consistir do esforço de se chegar e de fazer parte também do *jogo de linguagem*⁵ que prepara outros usos possíveis daquele signo. Quero dizer, o contexto usual do termo dependerá do contexto do jogo de linguagem, e é esse jogo que garantirá os usos adequados do termo na comunicação, e o ato de apontar determinará o ensino/aprendizagem do(s) significado(s) do signo em torno do jogo em uso.

⁵ Nesta segunda parte do primeiro capítulo ainda não discutiremos acerca dos jogos de linguagem. Mas para esclarecimento, Wittgenstein chama de jogos de linguagem o conjunto da linguagem e das atividades de uso das palavras com as quais está interligada. Os jogos são definidos a partir do processo de uso das palavras: a cada uso diferente das palavras corresponde um jogo de linguagem diferente. (§§ 4 ao 7)

Antes de entrarmos na questão do ato da aquisição do signo – o termo linguístico –, faz-se necessário compreender sua inserção como forma de apreender o significado, isto é, por meio da prática da ostensão. Observemos que Wittgenstein apresenta no primeiro parágrafo uma problemática ainda acerca da nomeação para depois introduzir o conteúdo da ostensão, como vimos, o ato apenas de nomeação se mostra insuficiente no exemplo dado por ele a seguir:

Pense agora no seguinte emprego da linguagem: eu envio alguém às compras. Dou-lhe uma folha de papel onde se encontram os signos: “cinco maçãs vermelhas”. Ele leva o papel ao comerciante. Este abre a gaveta sobre a qual está o signo “maçã”. Ele procura a palavra “vermelho” numa tabela e encontra defronte a ela uma amostra de cores. Ele diz a sequência dos numerais – suponho que ele a saiba de cor – até a palavra “cinco”, e a cada número tira da gaveta uma maçã que tem cor da amostra. – da mesma forma operamos com palavras. (*IF*, § 1)

O excerto acima refere-se à atividade da compra de maçãs, e na lista a imagem agostiniana pelo ato de nomear não é capaz de dar conta da enorme diferença de uso entre esses três termos linguísticos (“maçã”, “vermelho” e “cinco”. Se “Santo Agostinho não fala de uma diferença de espécies de palavras” (*IF*, § 1), então onde se encaixaria esses três termos numa categorização, já que em seu uso e no mesmo contexto elas não poderiam ser classificadas como nomes. Veja que na utilização e a referência a palavra “cinco” o vendedor ou o comprador não encontrarão o objeto cinco, mas tão somente este termo se referirá à quantidade das maçãs, ou seja, será uma referência à sequência de números de maçãs; da mesma forma, quanto ao termo “vermelho”, tal palavra se refere à cor vermelha, não a um objeto específico, visto que a maçã possui a cor vermelha, a que objeto o nome “vermelho” refere? Uma maçã ou vermelho como entidade concreta? Mas o aspecto vermelho também estaria em outros objetos, daí se encontrar a confusão da nomeação da cor, o que ocasionaria uma falta de precisão na designação pelo termo.

Ora, a linguagem que está em correspondência à imagem agostiniana, a qual afirma somente a classe dos objetos (dos termos nominais), visto que essa imagem “não pode ser descrita, sem grandes dificuldades, como nomes que correspondem a objetos” (CARVALHO, 2006, p. 52), teria que ser tão simples quanto essa. Por isso Wittgenstein vai demonstrar que o conceito de significado situado no fundamento da imagem agostiniana teria lugar tão somente em uma ideia de como essa linguagem se realiza. Esse lugar não faria distinção das classes, quero dizer, a categorização

dos termos é irrelevante, sendo possível assim desconsiderar os diversos tipos de palavras, então ele recusa essa forma de se perguntar pelas palavras e sobre a linguagem.

Como dissemos acima, há um modelo funcional linguístico que privilegia a explicação do significado, essa ideia se encontra no que Wittgenstein chama de modelo do “ensino ostensivo”. Nessa ideia considera-se que as definições das expressões deviam chegar a algum fim, sabendo que essas expressões não poderiam ser sempre indefinidamente dadas. Pensemos no emprego das expressões que não podem mais ser explicadas com uma única referência, mas que teremos como solução o ato de apontar, visto que esta prática é um meio pedagógico para se chegar a um referente dado. Observemos o exemplo da frase “Isto é...”. Assim sendo, a designação pelo ensino ostensivo que se efetiva no ato de apontar, passa a ser considerado e aceito como explicação última do significado do termo linguístico, daí se entender por que se trata de “modelo privilegiado de explicação do significado” (DONAT, 2008b, p. 25)

Faustino (1995, p. 14 e 15) afirma que Wittgenstein critica a descrição do aprendizado por Agostinho, pois este se faz valer da noção de “significado” a partir da nomeação, isto é, o *valor semântico*⁶ é obtido diante apenas de um jogo de referência, o nome passa a designar o objeto ou coisa referida. Ou seja, o ensino de todas as palavras é descrito segundo o modelo da ostensão de um objeto. Por isso, dado que conhecer uma palavra seria desse ponto de vista da nomeação, conhecer o objeto extra-linguístico na realidade, no mundo; em outras palavras, isso significa dizer que, à luz da essência da linguagem (em Agostinho), todos os termos linguísticos se comportam categoricamente (numa classe gramatical) como termos substantivos ou nomes, e que essa chamada “definição ostensiva” estabelece uma regra fixa para designar o valor semântico de todos os termos da linguagem.

Ademais, Wittgenstein vai tratar da questão do treinamento como ato pedagógico do aprendizado das palavras e seus significados, admitindo que a obtenção dos termos linguísticos consiste no “ensino ostensivo”. Veja que a expressão usada é distinta da usada no parágrafo anterior, há um motivo pelo qual ele fala de ensino e de definição, daí que ele afirma assim: “Não quero chamar isto de ‘explicação ostensiva’ ou de ‘definição’... [...]. Quero chamar isto de ‘ensino

⁶ Usamos essa expressão, aqui, como sinônimo de “Significado”.

ostensivo das palavras’. – Digo que esta é uma parte importante do treinamento...” (IF, § 6)

Na prática do ensino ostensivo, tal como quer nos fazer entender Wittgenstein, se vê uma atividade pedagógica para o desempenho da criança quanto ao uso dos termos linguísticos a partir de sua inclusão em diversos *jogos de linguagem*⁷, isto é, em modos circunstanciais distintos para cada contexto de seu uso no cotidiano e, destarte, pela delimitação das várias finalidades que esse termo pode cumprir conforme o emprego em seu contexto social. Dado isso, carece entendermos que “de modo bastante diferente da ‘definição ostensiva’, o ‘ensino ostensivo’ não visa estabelecer uma relação da palavra com algo fixo ou com uma entidade correspondente – o seu significado.” (Faustino, 1995, p. 16). Vejamos., então o que afirma Wittgenstein:

Poder-se-ia dizer, portanto: a definição ostensiva explica o uso – o significado – da palavra, caso já esteja claro que papel a palavra tem que desempenhar na linguagem. Se sei, no entanto, que alguém quer me explicar a palavra para uma cor, neste caso a explicação ostensiva “isto se chama ‘Sépia’” vai me ajudar na compreensão da palavra. (IF, § 30)

Nessa passagem supracitada o filósofo austríaco está, de certa maneira, mostrando um ponto problemático da ostensão mencionada por Agostinho, vindo aqui a explicar o porquê de sua preferência pelo “ensino ostensivo”. Ou melhor, podemos entender, com suporte nas observações de Wittgenstein, que a prática do ensino ostensivo não se dá por captar e guardar relações fixas entre nomes substantivos e denominados, contudo é algo mais amplo e requer que o aprendizado se dê segundo normas e atividades pedagógicas muito mais abrangente. Em continuação, Wittgenstein recorre a uma comparação do ensino ostensivo com jogo de xadrez, tal analogia dos termos com jogo desencadeia justamente a negação de que a forma do signo (a palavra), quando destacada dos contextos possíveis de seu emprego, seja o juízo máximo para se designar suas funções gramaticais dentro do contexto.

Ora, a definição ostensiva só poderia dar uma explicação ao uso – isto é, o significado – de um termo linguístico quando já estivesse preciso o papel que este termo deveria desempenhar no jogo de linguagem, para daí, então, entender suas funções, que chamamos de aspectos funcionais gramaticais. Faustino (1995) afirma

⁷ Ver nota 5.

que nessa condição, a definição ostensiva deveria ser vista como preparação para o uso de uma palavra, no entanto “a inserção de uma palavra num jogo de linguagem determinado é gramaticalmente prioritária à sua ‘definição ostensiva’, que, além de insuficiente, pode às vezes se tornar inadequada para ilustrar usos possíveis daquela palavra” (FAUSTINO, 1995, p. 16). Por isso entende-se, agora, o motivo de Wittgenstein preferir adotar a expressão “ensino ostensivo”.

Qual, seguramente, é a razão pela qual adota tal expressão? Não vemos outra razão, senão que tal locução exprime com muito mais rigor, compreensão e clareza a conexão conceitual entre “significado” (*Bedeutung*) e “uso”, e não entre “significado” e “objeto”, como bem queria Agostinho na sua teoria da imagem da essência da linguagem humana. Além do que, o ensino ostensivo a partir do ato do treinamento faz com que a linguagem passe a ter um escopo ou meta, criando assim uma possibilidade de explicação em seu uso no cotidiano. Ou seja, a linguagem passa a ser compreendida como uma atividade essencialmente normativa, isto é, a ser executada com normas ou regras que determinam o uso dos termos linguísticos no contexto dos jogos.

Como vimos, para Wittgenstein a distinção entre essas expressões fazem com que ele veja a definição ostensiva como prática que determina a compreensão do termo linguístico e este se efetiva juntamente com uma instrução determinada, veja-se:

Mas se é assim que se produz o ensino ostensivo – devo dizer que é assim que se produz a compreensão da palavra? / Não entende o grito “laje” aquele que age de acordo com ele desta ou daquela forma? Mas foi isto, certamente, o que proporcionou o ensino ostensivo, no entanto, somente acompanhado de determinada instrução. Numa outra instrução, o mesmo ensino ostensivo dessas palavras teria operado uma compreensão bem diferente. (*IF*, § 6)

Pois bem, do ponto de vista acerca do que falamos acima, é possível dizer que, seguido de uma outra regra de uso, queremos aqui dizer também seguido por uma outra nova instrução, esse ensino ostensivo exerceria ou colocaria em evidência uma compreensão totalmente distinta de um mesmo termo linguístico, isto é a palavra possuiria variações significativas outras e contextuais no uso a partir do jogo determinado. Diante disso, para outros seria defender uma concepção diferente daquilo que se afirma com a definição ostensiva, apoiando sua infalibilidade que se

evoca diferentemente do aprendizado do significado de uma palavra pelo método dessas regras distintas num jogo.

Se o ensino ostensivo não mecaniza a semântica dos termos, diferentemente a definição ostensiva seguirá um outro tipo de regra que não a do ensino, isto é, seguir-se-á a mesma regra de conceber no signo uma única referência possível, de ostensão sempre possível. Não há outro paradigma senão esse: que o aprendizado do termo caberia apenas nos diferentes usos de uma palavra .

Na visão do filósofo austríaco, esse sistema agostiniano teria uma única apropriação no que tange às descrições de jogos de linguagem primitivos, “mas que se pode dizer também que se trata de uma representação de uma linguagem mais primitiva do que a nossa” (IF, § 2). Embora tenha sua característica primitiva, há de se entender que suporta uma finalidade, cujo conteúdo é alcançado numa comunicação dentro de um jogo, vê-se isso no jogo linguístico entre um construtor e um ajudante: este ao ouvir daquele o termo “lajota”, traz a ele o referente mencionado. Nas ações como pedir, chamar, ordenar, podemos fazer alusão ao jogo do ensino ostensivo, onde esse mesmo jogo estabelece uma correspondência entre aquilo que se quer e aquilo que se evoca, mais precisamente a relação do nome, a palavra com o objeto. A esta regra no jogo, como se vê na passagem do parágrafo dois⁸, consiste em dar seguimento às regras quando se reage às palavras, ao trazer (isto é, identificando), numa ordem coerente e objetiva, as coisas ou os elementos extra-linguísticos referidos.

Como bem observamos acima, Wittgenstein demonstra a insuficiência da consideração de que o valor semântico, isto é, o significado se constitui na relação entre palavras e objetos. Ou seja, ele acentua a ideia de que a própria relação entre o elemento linguístico (o nome) e o elemento externo no mundo (o objeto) não pode ser simplesmente, como queria Agostinho, uma relação baseada em definições ostensivas, pois mesmo essa relação (de nome e objeto) deve ser compreendida considerando-se a maneira em que elas tomam como parcela nas atividades por

⁸ Imaginemos uma linguagem para qual a descrição dada por Santo Agostinho esteja correta: a linguagem deve servir ao entendimento de um construtor A com um ajudante B. A constrói um edifício usando pedras de construção. Há blocos, colunas, lajes e vigas. B tem que lhe passar as pedras na sequência em que A delas precisa. Para tal objetivo, eles se utilizam de uma linguagem constituída das palavras: “bloco”, “coluna”, “laje”, “viga”. A grita as palavras; – B traz a pedra que aprendeu a trazer ao ouvir esse grito. – Conceba isto como uma linguagem primitiva completa. (IF, § 2)

meio da linguagem, queremos dizer, nas atividades cujo exercício é o emprego dos termos linguísticos.

Muito se falou aqui do aspecto do emprego linguístico da palavra, mas como então podemos ilustrar, senão pelo próprio exemplo lúdico do xadrez. Ora, sabe-se de antemão que não se aprende xadrez simplesmente dando nomes aos elementos do jogo, isto é, não apenas nomeando as peças com as quais se poderão jogar, no entanto a partir do modo como essas peças poderão ser movimentadas na partida, observando as regras que determinam quais os lances deverão ser dados, e entre outras coisas mais. Como bem observado, também dessa forma o termo linguístico (a palavra) não tem um valor semântico porque refere uma coisa externa no mundo (o objeto), entretanto sim porque efetiva-se no uso por meio de nossas práticas linguísticas, daí compreendemos e aprendemos o conteúdo do seu valor semântico ao utilizá-las nessas práticas linguísticas, juntamente com seu emprego a partir dos lances que podem ser dados com estes termos linguísticos (as palavras) no contexto social.

Daí que uma palavra como “maçã” ou “laje” passa a ter um uso que não se restringe a ser nome de coisa, mas dependendo do contexto passa a ser compreendida como um pedido. É isso que o próprio filósofo austríaco irá ressaltar mais a frente (mais precisamente no parágrafo dezenove) nas *Investigações*:

Mas, como é isto: o grito “Laje!” no exemplo (2) é uma frase ou uma palavra? – Se é uma palavra, então não tem o mesmo significado da similar de nossa linguagem usual, pois no § 2 ela é um grito. Mas se for uma frase então não é a frase elíptica: – “Laje!” de nossa linguagem. No que toca a primeira questão, você pode chamar “Laje!” de palavra e também de frase; acertadamente, talvez de uma ‘frase degenerada’ (como se fala de uma hipérbole degenerada), aliás, exatamente o que nossa frase ‘elíptica’ é. – Mas ela é apenas uma forma abreviada da frase “Traga-me uma laje!” e, no fato, Não há esta frase no exemplo (2). (*IF*, § 19)

Ora, como bem afirma Silva (2012, p. 92 e 93), a linguagem apresentada por Wittgenstein nas *IF* tem um caráter ordinário e comum de A – B (veja-se o trecho do parágrafo dois citado logo acima). Essa linguagem ordinária também faz parte aspectual da rotina dos falantes que a usam. E mediante esse contexto cotidiano dos falantes usarem essa linguagem como ferramenta de comunicação, percebe-se que ela se resume numa conduta do ato de agir e reagir quando diante de um jogo de interação por meio das palavras. Daí que esse sistema da linguagem comporta-

se como uma forma fixa que se estratifica para uma compreensão a partir da prática social em várias gerações, entretanto e, diferentemente, do ensino ostensivo, pois este se comporta como um treinamento com intuito de obter ou incutir na mente a representação da palavra, onde o jogo de linguagem é uma atividade social e contextual.

Wittgenstein mostra de forma clarificada e objetiva que a relação comunicativa entre A – B (construtor e ajudante) é um jogo de linguagem onde prevalece uma ordem. O ajudante compreende e comporta-se conforme o termo linguístico “laje” e ao comportar-se dessa maneira também percebe o significado do termo no contexto de uso. Isto é um ensino ostensivo com regras e contexto bem definidos. Ao se modificar as regras e dentro de outro contexto prático o termo “laje” terá outra compreensão semântica.

O exemplo dado por Wittgenstein acerca da alavanca é ilustrativo no que se refere ao contexto e valor significativo do que a representação da palavra pode expressar. Dir-se-ia que a alavanca funcionaria como um freio dentro de um mecanismo (contexto) restante. Contudo fora desse contexto, o objeto (alavanca) seria qualquer outra coisa funcional e não um freio. Ou seja, “as palavras possuem o significado dentro de um contexto e seu uso se dá dentro de um sistema. Fora deste uso dentro do contexto, a palavra solta não significa nada ou qualquer outro significado” (SILVA, 2012, p.93)

Como temos visto até agora, o ensino ostensivo trata-se de uma maneira das pessoas aprenderem um sistema linguístico que difere da definição ostensiva dos termos linguísticos, visto que esse aprendizado confere no falante um aprendizado do uso dos termos da linguagem natural, não apenas os termos (vocábulos) isolados de seu contexto, por isso dir-se-ia que o que aprendemos quando conhecemos os termos da linguagem, não trata-se apenas das palavras sem o seu contexto pragmático, visto que essas podem desencadear vários valores significativos quando em seu uso comunicativo contextual. Daí entendemos que adquirimos o conhecimento usual de como a palavra é empregada dentro da gramática, ou seja, desde nossa tenra idade fomos condicionados (educados) a termos atitudes e pormos em prática os termos linguísticos e também a reagirmos a esses termos, ou seja, é um critério que tem sua correspondência ao domínio de uma técnica determinada mediante um aprendizado contínuo e natural.

Voltemos aqui um pouco, um aspecto importante ainda a se frisar acerca do ensino ostensivo, é a questão do treinamento (*Abrichtung*). A palavra alemã mencionada a pouco para o termo “treinamento” suscita algumas problemáticas de tradução para língua portuguesa. Ora poder-se-ia traduzir como “treinamento” ou “adestramento”, mas que também poder-se-ia aproximar do termo “ensinamento”. E para essa parte da discussão eu me deterei nas reflexões basilares de Zunino (2014). Este faz referência de que há quem defenda um traço mecânico do termo aproximando a maneira como uma criança aprende a linguagem e o modo como o animal é adestrado. Daí se pensar, muito provavelmente, na parte do ensino que faça referência ao “apontar” quando num diálogo entre pessoas numa construção uma delas pede auxílio a outra, ou a uma criança quando esta tem necessidade de pronunciar ao empregar um termo linguístico. Entretanto, é preciso atentar que esse treinamento aproxima-se conceitualmente daquilo que se pode entender como educação, ensino ou ensinamento, o que daria margem para uma interpretação possivelmente mecânica e automatizada do homem e da linguagem, ou ambos numa relação prática.

Há uma noção ampla mencionada por Zunino (2014) acerca da questão da palavra “treinamento”, e este já o fez com base teórica em Barbosa Filho. Diz aquele (Zunino) que a noção de “treinamento” difere do sentido demonstrativo restrito que a palavra possa ter. O termo linguístico, em seu sentido amplo, significa um exercício repetitivo sem a necessidade de explicação ao falante (que esteja aprendendo novos termos) dos procedimentos e nexos causais que possam vir a ter mediante a prática, mostrando assim como uma atividade que, a princípio, induz algumas relações entre o termo linguístico (o que chamo aqui de nome) e o elemento externo (o extra-linguístico ou objeto), porém que tem como principal objetivo fazer com que o aprendiz (o falante) faça uso de tal correspondência em outros contextos, ou seja, colocando em prática um mesmo som em sentidos diversos, o que abriria margem para o conceito de jogos de linguagem⁹.

Daí, notar-se que a rotulação do significado vir ligado a uma coisa só pode ser pensada com uma preparação para o uso da expressão, e por se tratar de significado a partir dos jogos de linguagem, é de fundamental relevância trazer à memória do leitor aqui, que o treinamento pressupõe sempre um contexto de ação e

⁹ Ver nota 5.

somente como parte dele compete ao instrutor apontar para os elementos externos (os objetos) enquanto enuncia os termos linguísticos e chama para si a atenção do ouvinte. Entretanto, com base no sexto parágrafo¹⁰, Wittgenstein parece rejeitar esse modo de definição dos termos (palavras) – *definição ostensiva*. Ele passa a frisar o que ele chamou de ensino ostensivo das palavras, que se trata de um ensinamento prático no qual não basta tomar a palavra mediante uma demonstração ou explicação restritiva, tais como: analogias, exemplos, interpretações e etc.

Como observamos no sexto parágrafo, podemos afirmar que para o filósofo austríaco é por meio de um treinamento (*Abrichtung*) com os termos da linguagem, uma instrução com apontamento dos elementos externos, chamando a atenção das crianças para si ao empregar uma palavra (como no exemplo do construtor e o ajudante ao pronunciar “laje”) que podemos chegar a denominação, nomeação, mais precisamente à compreensão semântica da palavra. Todas essas são formas – treinar, apontar, chamar a atenção, empregar, pronunciar um termo – de exibir o que advém e o que existe de mais natural na aquisição da linguagem e o que mais prontamente ocorre entre as pessoas.

Com o ensino ostensivo, deve-se partir dos signos (os termos linguísticos), pois eles são instrumentos da linguagem, o treinamento faz uso deles, contudo há uma prioridade do ensino ostensivo em relação ao que chamamos aqui de ato de denominar. A prioridade se dá na constituição do significado, ou seja, este significado (*Bedeutung*) somente se constitui quando se considera, essencialmente, o contexto dos jogos de linguagem, pois são estas atividades da linguagem que determinam a compreensão e aplicação de uma expressão ou de um termo. Ou seja, o ensino ostensivo (diferente da definição ostensiva), como treinamento, não viola e não reduz o aprendiz a um modo uniforme de aplicação dos termos linguísticos, pelo contrário, tem como finalidade, precisamente, incluí-lo nos vários outros contextos e circunstâncias dos jogos de linguagem, visto que os jogos de linguagem poderão determinar conforme cada contexto e circunstância o significado com maior precisão.

¹⁰ “Uma parte importante do treinamento consistirá em o instrutor apontar para objetos, dirigir a atenção da criança para eles enquanto profere uma palavra, por exemplo, a palavra “laje” mostrando esta forma. (Não quero chamar isto de “explicação ostensiva” ou de “definição ostensiva”, porque a criança ainda não pode perguntar pela denominação. Quero chamar isto de “ensino ostensivo das palavras”. – Digo que esta é uma parte importante do treinamento, porque é o que ocorre entre as pessoas e não porque não dá para imaginar outra coisa”. (IF, § 6)

E como já mencionamos acima, tal reflexão feita aqui por nós responde ao exemplo do segundo parágrafo¹¹, de como Wittgenstein compreende o funcionamento da linguagem, o que ele denominou de linguagem primitiva completa: o sujeito aprende, aponta, treina, e usa os termos no contexto. Já a reflexão do parágrafo seis¹² apresenta o treinamento para a aprendizagem das palavras da forma a seguir (como ocorre entre os homens, e exemplificando o diálogo do construtor A e do ajudante B): “... quem ensina mostra os objetos, chama a atenção da criança para eles, pronunciando então uma palavra, por exemplo, a palavra “lajota”, exibindo essa forma.” (*IF*, § 6).

Ora, apresentamos dois momentos aqui neste primeiro capítulo, o da crítica à imagem da linguagem agostiniana e a do ensino ostensivo em contraposição à definição ostensiva, tanto o primeiro como o segundo momento, são duas visões que partem da questão abordada aqui: o treinamento (*Abrichtung*), cujo teor conteudístico estabelece uma relação associativa entre o termo linguístico e o elemento externo, construindo uma ligação de combinações entre palavras e coisas da realidade no mundo a partir da repetição ou treino.

Como vimos, a noção de uso está conceitualmente ligada à noção de significado. Ora, estaria Wittgenstein interessado em construir reflexões acerca do que pode causar representações na mente? (Não será intuito nosso discutirmos essa questão aqui). Ficamos a entender que nesse trecho, logo acima, tentamos discorrer muito brevemente sobre a primeira visão: a crítica do modo de representação agostiniana. Ainda sobre a questão da ligação (palavra e objeto), na segunda visão é possível afirmar que esta ligação se dá quando o sistema linguístico (isto é, a linguagem) tenha como representar e/ou inferir um dos elementos da ligação, a saber, o objeto, quando alguém de fato está apreendendo e compreendendo o termo linguístico, a palavra. E como já fora dado aqui, Wittgenstein chama esse processo ou atividade de ensino ostensivo das palavras, isto é: “ao caso em que a pessoa passa a apresentar, através do treinamento e do exercício da associação, um certo ‘saber’ sobre os variados modos de empregar a palavra de acordo com as situações que se pode encontrar.” (ZUNINO, 2014, p. 24).

¹¹ Ver nota 8.

¹² “Podemos nos representar que a linguagem no § 2 é toda a linguagem de A e B; na verdade, toda a linguagem de um povo.” (*IF*, § 6)

Queremos dizer que, dentro do treinamento, do contexto que ajusta o uso dos termos, a criança ou o aprendiz adquire certa compreensão do termo linguístico. Por isso, é a partir dessa instrução (treino) que se efetiva a compreensão do significado, significação da palavra, pois ele “advém da totalidade, do contexto circundante” (ZUNINO, 2015, p. 25) e é através do ensino ostensivo das palavras e do treinamento (*Abrichtung*) que aprendemos a usar as palavras, bem como a compreender por meio deste uso, seu significado (*Bedeutung*).

Wittgenstein ao criticar a definição ostensiva, em prol do ensino ostensivo, enquanto se entendendo este como aspecto da prática, vai dizer: no parágrafo cinco: “O ensino da linguagem não é aqui nenhuma explicação, mas sim um treinamento” (1984, p.11). O que isto quer dizer: a criança compreenderá que o significado do termo linguístico corresponde a uma definição? Wittgenstein afirma que podemos ter a visão do conjunto funcional das palavras quando empregamos a partir de formas primitivas, e a criança ao aprender a falar pode ser educada pra executar essas atividades (usar os termos) (*IF*, §§ 5 e 6), então ao usá-las, as palavras fazem ligação ao seu conteúdo ou valor semântico, mas isso significa que a “criança não poderá perguntar sobre a denominação” (*IF*, § 6). Além disso, a criança por si só terá capacidade para denominar o objeto, mas não perguntar pela denominação do objeto, apesar desse objeto poder ser nomeado com intuito de obter seu valor de significado.

Ora, o uso da definição ostensiva da aprendizagem da linguagem, o modo da nomeação ou referencialista (como mencionam Zunino, Faustino, Balthazar Filho, entre outros) como bem queríamos ressaltar, projetou uma concepção gramatical errônea. A definição ostensiva pode auxiliar na orientação da compreensão do termo linguístico, na maneira que este pode ser empregado a partir do seu uso, embora, esse auxílio não garante que a definição seja exata e que possa determinar o prosseguimento e a justeza que se deva obter para a compreensão e apreensão do significado da expressão, bem como o nome na construção sentencial. Nas palavras de Zunino (2014):

[...] a definição ostensiva pode ser interpretada diferentemente e, cada caso, contudo, em sua função cumpre-se tão somente a nomeação de alguma coisa, ou poderíamos dizer, de certa delimitação de algo, mas não uma possibilidade interpretativa aberta. Isso quer dizer que esta característica possibilitadora de interpretações não surge propriamente da definição ostensiva, mas da dependência de algum outro domínio articulador do sentido. (ZUNINO, 2014, p. 41)

Portanto, quando ocorre a definição ostensiva dos termos linguísticos, significa que o falante que esteja a aprender, já apreendeu o significado da palavra, em razão de que os lugares do significado já estavam preparados, pois a compreensão já se deu por meio do *Abrichtung* (treinamento) desencadeada pelo ensino ostensivo.

Bem, sabe-se, então, que o ensino ostensivo dos termos da linguagem natural, muito discutido aqui, realiza-se em estrita concordância com o conceito de uso de um dado nome ou expressão num certo contexto em questão. Visto que o significado está indissociavelmente unido à noção de uso, a unidade do significado é constituída por uma prática linguística, ou seja, pelo emprego conveniente da expressão (ou nome) conforme às circunstâncias do jogo de linguagem em que está inserido. De todo modo, apreender o significado (*Bedeutung*) de uma expressão não está de acordo com a apreensão do significado que se estabelece de forma pré-linguística ou sem a linguagem. E tendo visto aqui a questão do treinamento, percebemos que é por ele que podemos pressupor necessariamente um contexto de ação. Destarte, a significação passa a ser encontrada dentro de uma prática linguística, não fora dela. Desse modo, argumenta também a esse problema a especialista Martins (2001, p. 31):

...[...] segundo o ângulo wittgensteiniano, o significado de uma palavra não é um objeto (real ou mental) a que ela se refere de forma isolada, *uma coisa* que ela supostamente vem a representar uma vez adquirida a linguagem. Pois, mesmo quando, mais tarde, a criança nos interpela e pergunta o nome de um objeto, nem aí fará sentido supor que isso redunde ou tenha como meta o estabelecimento de uma conexão mental entre nome e um significado. [...]... conexões nome-objeto são estabelecidos, mas não franqueiam por si só os significados das palavras – estes só podem ser conhecidos e aprendidos no contexto das atividades humanas em que essas palavras e esses objetos se inserem e das quais não se dissociam.

Há uma incompletude na ostensão formulada por Agostinho cujo ponto de partida envolve a questão do ensino e aprendizagem descritas por Wittgenstein? Parece que há sim uma adequação parcial, limitada, embora se vê problema quanto ao uso específico onde certas atividades como o ensino/aprendizagem podem mostrar lacunas. Entretanto há também uma inadequação da visão essencialista e representacionista, e esse problema não decorre somente da desconsideração que os especialistas fazem da linguagem, de que ela tem muitas outras funções além do ato de nomeação, surge também da incognoscibilidade que surge da falta de clareza

dos filósofos ao explicitarem essa função (nomeação) da linguagem. (CAVELL apud MARTINS, 2001, p. 29)

Afinal, esse debate inicial acerca dos fundamentos da semântica de Wittgenstein que se deu por meio de reflexões sobre a imagem agostiniana da linguagem, bem como a definição ostensiva e o ensino ostensivo das palavras foi interessante por evidenciar o núcleo do que será, em seguida, o que chamamos aqui de estruturas ou categorias conceituais: jogos de linguagem, e com este os demais conteúdos implicados – semelhanças de família, formas de vida e seguimento de regras. E antes dessas estruturas, falaremos também um pouco sobre o termo que constitui a semântica de Wittgenstein, o *Bedeutung*.

3. O TERMO *BEDEUTUNG* E AS CATEGORIAS CONCEITUAIS DA SEMÂNTICA DE WITTGENSTEIN

3.1. *Bedeutung*

O presente tópico tratará da análise de um determinado termo semântico que ganhou uma relevância significativa para a comunicação do presente trabalho e o fluxo da reflexão numa dada organização. Por este motivo, é preciso tentar recuperar algumas bases anteriores que o levaram a uma posterior determinação prática filosófica, visto que a clareza do discurso (isto é, da dissertação deste trabalho) leva a uma melhor compreensão, quando as palavras são afastadas de toda obscuridade terminológica, o que permite aos outros debatedores, filósofos, comentadores, tradutores, entre outros a fazerem ou optarem por uma exegese constituída de uma limpidez e isenta de “sujeiras” semânticas. E a partir dessa intenção: optar por explicitar e/ou “retirar a sujeira” semântica, tentaremos fazer uma breve exposição acerca da problemática do uso do termo *Bedeutung* que desencadeou discussões e formulações sobre o problema da linguagem: o uso como significado. A semântica em Wittgenstein é bem problemática e com algumas bases fundamentais que devem ser esclarecidas, e uma destas gira em torno desse termo semântico. E o filósofo austríaco foi um dos que se dedicaram, entre outros pontos da análise filosófica da linguagem, ao tema do significado, propondo assim uma semântica sobre o uso como significado.

O próprio Wittgenstein em seu *TLP*, já mencionava problemática do equívoco que se instalara nos discursos e questões filosóficas, e que toda a confusão gerada pelos teóricos e filósofos era um simples mal entendido linguístico, isto é “provém de não entendermos a lógica de nossa linguagem” (*TLP*, § 4.003).

A partir deste período (séc. XIX e XX), como a linguagem é vista como núcleo da atenção filosófica, a noção de significado passou a ser de fundamental importância. Porquanto a pergunta pela possibilidade da linguagem, em especial, pela possibilidade de um sistema linguístico seguro, capaz de garantir aos falantes um rigor na comunicação, entre outros, levantou-se, então a pergunta pelo significado, enquanto conteúdo semântico ou ainda razão de ser das proposições a

partir da linguagem, podendo esta ser um fenômeno lógico (como no *TLP*)¹³ ou fenômeno pragmático (como no *IF*).

Recuperaremos aqui a noção básica que levou Wittgenstein a tratar com muito esmero a questão do significado. É a partir de Frege que a discussão semântica analítica tem sua origem, por isso vale à pena analisarmos bem como se dá a questão da semântica fregeana, que inicia, de certa forma com uma problemática do termo *Bedeutung*. Pois bem, de antemão, não esgotaremos toda a questão minuciosamente, além disso, queremos apenas tratar de forma básica e elementar para uma devida compreensão do que trouxe esse conteúdo. Daí que a noção do termo poderá clarificar as próximas reflexões que circundarão a semântica de Wittgenstein, bem como poderá trazer de forma objetiva a noção que trouxe o cerne para uma reviravolta linguístico-filosófica a partir do uso e aplicabilidade semântica desse termo.

Entende-se de antemão que a filosofia da linguagem agrupa um tipo de investigação filosófica que vai desde investigações acerca da linguagem propriamente dita até investigações filosóficas em geral que utilizam a análise da linguagem como ferramenta para se entender aspectos que estão em torno do sistema linguístico, bem como a função deste sistema na elaboração de proposições. Mas o ponto a ser enfatizado aqui é que o problema do significado é sempre central para a filosofia da linguagem. E esse problema ou inclui a linguagem natural como um todo, ou procura delimitar e formalizar um fragmento da linguagem natural com o objetivo de eliminar problemas como vagueza e ambiguidade. Em ambas as alternativas estão em questão de que modo a linguagem que usamos para falar do mundo se conecta com o mundo. E Frege parecia não ter se interessado na questão de que modo a linguagem que usamos para falar do mundo se conecta com o mundo:

É certo que um sem-número de importantes investigações acerca do funcionamento da linguagem foram motivadas pela distinção sentido/referência. Mas será que essa era a intenção de Frege? Vou argumentar aqui que a resposta a essa pergunta é negativa. Pretendo mostrar que os interesses de Frege eram muito diferentes daqueles que motivaram as investigações sobre a linguagem realizadas, sobretudo no decorrer do século XX. Mais especificamente, Frege não estava interessado no funcionamento da linguagem natural e no modo pelo qual as expressões linguísticas se conectam com o mundo. Em outras palavras, Frege não tinha

¹³ Neste trabalho não entraremos em discussão acerca do critério lógico que é apresentado por Wittgenstein no *TLP* acerca do significado.

o menor interesse em construir uma teoria semântica aplicável à linguagem natural.(RODRIGUES FILHO, 2009, p. 2)

A seguir veremos as intenções maiores de Frege que o apontarão como um precursor no seu modo de investigar problemas na linguagem. Se lermos sua obra *Sobre o Sentido e a Referência* (SRR) (*Über Sinn und Bedeutung*) tendo em perspectiva o seu lugar na obra dele como um todo, percebemos que as suas análises ali apresentadas, antes de terem a estrutura e o funcionamento da linguagem como foco, têm antes o objetivo de justificar modificações na linguagem formal a ser utilizada na realização do seu projeto ao qual dedicou praticamente toda a sua carreira acadêmica, a saber, provar que a aritmética é um ramo da lógica.

Friedrich Ludwig Gottlob Frege nasceu na Alemanha, e foi um grande revolucionário e filósofo da matemática dos séculos XIX e XX, que fez contribuições significativas à lógica e aos estudos da linguagem, em específico: a introdução de uma lógica e uma semântica contemporâneas. Seu principal objetivo era fundamentar a aritmética elementar na lógica, mostrando que cada expressão aritmética significaria o mesmo que uma dada expressão lógica e que esta última poderia ser deduzida de leis lógicas evidentes, o que foi uma tentativa em um dos fundamentos de sua teoria que visava reduzir a aritmética à lógica. Para tal, ele teria que formular um novo aparato lógico (uma linguagem artificial) capaz de formalizar com eficiência todas as proposições, no que a lógica chamada clássica (a aristotélica, como os silogismos) não conseguia, pois sua análise era fundamentada na distinção entre sujeito e predicado, de modo que o seu alcance era restrito a proposições do tipo: algum número de “S é P”. Daí que outros tipos como “se eu for ao cinema, então eu irei ver um filme”, não podiam ser analisados. Por consequência ele acaba apresentando novas bases de análise, função e argumento, que possibilitam a formalização de todas as proposições, tanto as que a lógica clássica conseguia formalizar, quanto as que não conseguia. Nesse caso, as proposições passam ser divididas em duas partes: uma que é incompleta e a outra que é o nome que a completa.

Essa maneira de analisar tais proposições permitiu avanços consideráveis na lógica bem como na semântica filosófica, visto que alcançou uma maior abrangência de formalização e um maior rigor, isto é, um maior rigor que daria margem mais futuramente para uma área que se denominaria como filosofia analítica. Entretanto,

ao se deparar com um paradoxo apontado por Bertrand Russell (“Antinomia de Russell”), após tentativas mal sucedidas de resolvê-lo, acabou por abandoná-la e reconhecer publicamente a impossibilidade desta redução: da aritmética à lógica.

Bem, isto foi um breve resumo do que pretendeu Frege durante suas pesquisas e avanços em benefício à lógica matemática, mas que acabou por alcançar outras áreas importantes, como: ciência da computação, filosofia, linguística, entre outras. Frege (1892) em seu artigo *SSR* trata de nos explicar o motivo da diferença cognitiva que parece haver nas expressões “ $a = a$ ” e “ $a = b$ ”. Para tal, ele apresenta sua distinção entre os termos sentido (*Sinn*) e referência (*Bedeutung*), nos indicando como isso ocorre nos nomes próprios e nas sentenças, desencadeando sua tentativa de resolver um dos maiores problemas no domínio das matemáticas: o problema da igualdade. Então, dessa forma, ele mostra que o sinal de igualdade não faz os sentidos de dois termos coincidirem completamente, mas apenas dão margem a uma concordância parcial. Ora, se o sinal de igualdade apenas representar a identidade, e esta for apenas uma relação entre objetos, então todas as sentenças de igualdade passam a ser equivalentes a sentenças ou nomes do tipo $a = a$, o que não é de toda verdade, porque não poderia explicar, nem muito menos determinar (apontando assim sua parcialidade) o conteúdo semântico, visto que ambas as sentenças de igualdade expressas de modos diferentes fazem referência a um mesmo objeto. Veja o caso clássico a seguir: a) a estrela da manhã é a estrela da Manhã, b) a estrela da manhã é a estrela da tarde.

Abrindo um parêntese aqui, lembremos que ao ler o texto de Frege, notamos que ele, como os matemáticos de sua época, aspirava por um altíssimo ideal de exatidão a partir de uma análise rigorosa, por isso, ele define bem a extensão do que está falando. E, além disso, ele visava formar uma linguagem artificial perfeita (o que denominou de conceitografia - *Begriffsschrift*), que nos impedisse de cometer ambiguidades na linguagem comum e que esta deveria abarcar entre suas relações lógicas as expressões simples que, com número reduzido chegasse a um limite necessário, e assim pudessem ser delimitadas, e de uma facilidade de compreensão e possível domínio delas. Assim, Frege criou seu próprio sistema linguístico artificial, o qual seja, uma notação lógica que é capaz de evitar as sutilezas da linguagem ordinária, tais como vagueza, polissemia e imprecisão. Daí se entender que sua finalidade era dar existência a uma notação artificial, contudo rigorosa e precisa, que pudesse superar tais deficiências imanentes à linguagem comum e usual:

À época, Frege concebia a conceitografia que desenvolvera não como a lógica (ou *uma* lógica), mas como uma linguagem necessária para veicular os conceitos e enunciados da aritmética. Em seu entender, ela objetivaria substituir a linguagem ordinária face à imperfeição e à insuficiência desta para usos científicos. De fato, a linguagem corrente é com frequência obscura, ambígua e irregular. E, na maior parte das vezes, mostra-se inapta para expressar relações lógicas de certa complexidade. Por suas limitações intrínsecas, os traços lógicos fundamentais do conteúdo das proposições nunca são por ela explicitados. (ALCOFORADO, 2009, p. 15).

Mas voltemos ao assunto em voga aqui: a questão do termo *Bedeutung*, isto é, suas implicações polissêmicas, bem como a problemática que gerou um equívoco de determinação terminológica (quero dizer: semântica, visto que o termo pode significar “referência”, ou simplesmente “significado”). Frege vai nos apresentar sua discriminação entre os termos sentido (*Sinn*) e referência, nos indicando como isso ocorre nos nomes próprios e nas sentenças. E a partir dessa distinção terminológica (entre *Sinn* e *Bedeutung*), a semântica fregeana deu origem a outras discussões e pesquisas futuras, a de Wittgenstein é um exemplo.

Diz-nos Bell (1980) em seu artigo *on the translation of Frege's Bedeutung* que de fato há uma problemática quanto à tradução do termo *Bedeutung*. Os tradutores da versão inglesa de Nachlass tiveram uma divergência quanto a se traduzir ou transliterar esse termo, preferiram deixar a correspondência do termo com o que parecia mais usual entre os falantes da língua. *Bedeutung* na forma dos outros tradutores para “referência” e/ou “denotação” pareceu aos novos tradutores uma incoerência semântica, já que os usuários da língua tem essa palavra usualmente como “significado”, daí que o que pareceu mais fiel à tradução foi “meaning”, palavra esta a ser usada nas traduções posteriores de Frege na versão inglesa.

Entretanto, Bell aponta que há razões exegéticas para o uso do termos “referência” (*reference*) e “denotação” (*denotation*), e que a “neutralidade exegética é uma virtude em qualquer tradução da prosa filosófica”¹⁴ (BELL, 1980, p. 191). Sem sombras de dúvida, sabe-se que “significado” é a melhor palavra no campo da linguagem ordinária para capturar o sentido dominante de *Bedeutung*, embora se saiba que:

No entanto, porque, as outras coisas, no presente caso, estão muito longe de serem iguais e porque, além disso, o uso do termo por Frege não é de

¹⁴ ...exegetical neutrality is a virtue in any translation of philosophical prose.

modo algum o da maioria dos falantes nativos de língua alemã, a tradução como "significado" é de fato inaceitável.(BELL, 1980, p. 191)¹⁵

Quais, então, as razões, chamadas exegéticas podemos apontar segundo o crítico acima? Veremos adiante que o que mencionamos acima (discriminação dos termos *Sinn* e *Bedeutung* que ocorre nos nomes próprios e sentenças) já são razões suficientes para demonstrar que a posição pela tradução clássica como “referência” e/ou “denotação” é exegeticamente cabível e traz de forma contextual a visão de Frege e sua semântica.

A semântica fregeana inicia-se em seu artigo *Sobre o Sentido e a Referência* (SSR) com um clássico problema: da identidade, isto é, pergunta-se Frege: a relação entre objetos constitui a identidade, ou a relação entre nomes que a constitui? Adiante podemos analisar cada uma dessas suposições. Observemos primeiramente as duas sentenças a seguir:

- a) a estrela da manhã é a estrela da manhã
- b) a estrela da manhã é a estrela da tarde.

Percebe-se que na opção “a”, temos uma mera tautologia, isto é, a sentença apenas afirma que o objeto “estrela da manhã” é idêntico a si próprio, o que não mudaria nada semanticamente. No entanto, o objeto afirmado na opção “b” não afirma uma simplicidade, diante da descoberta que se havia feito acerca do planeta Vênus, e daí se saber que ambos os nomes se referiam a um mesmo objeto, ou seja, o planeta Vênus é idêntico ao planeta Vênus.

Se a identidade é relação entre objetos, então sentenças ou nomes do tipo a = a equivalem a sentenças de identidade, o que seria incoerente afirmar, porque não poderia explicar o conteúdo semântico como o da opção “b” acima, visto que ambas as sentenças de identidade fazem referência a um mesmo objeto. Frege então rejeita a hipótese de que a identidade seja apenas uma relação entre objetos, e conclui que além do símbolo (o nome) e daquilo que é nomeado pelo símbolo (o objeto), que passa ser denominado como *Bedeutung*, precisamos de mais um elemento, que é o sentido (*Sinn*). Daí, ele caracteriza o sentido, no caso de nomes próprios, como o modo de apresentação do objeto designado. A identidade não se constitui de uma relação de nomes, visto que podemos atribuir arbitrariamente

¹⁵ Tradução nossa de :” ...however, that because other things are in the present case very far from being equal, and because, moreover, Frege's use of the term is not at all that of most native German speakers, the translation as 'meaning' is in fact unacceptable.”

nomes a objetos e construir sentenças de identidade, e também não apenas é uma relação entre objetos, mas sim fundamentalmente uma relação de objetos mediada pelo sentido. O que fica demonstrado aqui é que o objeto tem vários sentidos, isto é pode ser denominado de diferentes formas, mas a referência continua a mesma, ou seja, no exemplo dado acima: Estrela da Manhã e Estrela da Tarde designam o mesmo objeto, então “nomes próprios: a identidade do portador ou referente de nomes próprios é suficiente para justificar sua inter-substituibilidade s.v. O portador é, portanto, o *Bedeutung*” (BELL, 1980, p. 191)¹⁶.

Ora, se Frege admite uma dupla função semântica para os nomes próprios: isto é, eles fazem referência a um objeto e exprimem um sentido. Sabe-se então que esta distinção fundamental faz parte da semântica fregeana, não sendo diferente também para as sentenças, ou seja, as sentenças também possuem uma dupla função semântica, elas têm referência e sentido. Além disso, a sentença possui um pensamento que é a proposição (conteúdo proposicional), contudo perguntássemos pela referência ou o sentido, qual dentre eles é a proposição? Vejamos, se uma referência constitui uma proposição, esta não se poderá mudar caso nesta sentença haja uma substituição de um nome por outro nome de mesma referência, ainda que haja divergência no sentido. Ou seja, a referência (*Bedeutung*) de uma sentença depende, tão somente da referência dos nomes próprios nela contidos e não do seu sentido. Visto isso, veja-se que então o pensamento, isto é, a proposição não pode ser a referência de uma sentença, senão o seu sentido. Ou como afirmaria Frege: o pensamento é o sentido de uma sentença.

Ademais, o que seria então o *Bedeutung* (referência) de uma sentença senão aquilo que conserva-se quando fazemos substituições onde estas implicam na mudança de sentido, e já que Frege entende a referência como relação a um objeto, então o que permaneceria seria o valor de verdade. Como bem corrobora Manfredo (2006, p.64 e 65), o valor de verdade de uma sentença é sua referência, e todas as sentenças verdadeiras possuem a mesma referência, e contrariamente as sentenças falsas também têm o mesmo valor de verdade: o de terem o mesmo juízo de serem falsas. E no mesmo caso dos nomes próprios, é possível haver sentenças com sentido, no entanto sem referência: nem verdadeiras, nem falsas.

¹⁶Tradução nossa de: “*Proper names: the identity of the bearer or referent of proper names is sufficient to warrant their inter-substitutability s.v. The bearer is therefore the *Bedeutung*.*”

Ou seja, por isso, pode afirmar-se que “Sentenças: equivalência material, identidade de valor de verdade, é suficiente para justificar inter-substituibilidade s.v . Seu valor de verdade é, portanto, o *Bedeutung* de uma sentença”. (BELL, 1980, p. 191)¹⁷. Queremos dizer, a substituição do termo no alemão é perfeitamente possível pela palavra equivalente no inglês *Reference* (*Referência*) por justificar-se pela permuta de conceito onde não há alteração exegética. Veja-se:

Isto é tudo o que pretendo dizer aqui sobre a teoria de *Bedeutung* de Frege, exceto observar que, se isso é correto então, embora seja apenas uma aproximação, a "referência" está muito mais próxima do sentido em que Frege usa o termo do que "significado". De fato, o uso de Frege do termo tem muito pouco a ver com o significado.(BELL, 1980, p. 193)¹⁸

Tendo sido influenciado por essa problemática em Frege, no *TLP* Wittgenstein tinha como objetivo central o esclarecimento da natureza da linguagem e do mundo e da relação entre eles, com o que esperava ser possível estabelecer as categorias gerais da linguagem e as categorias gerais do real, ou seja, a essência da linguagem e do mundo. Ele entendia que a verdadeira e real natureza da linguagem seria demonstrada quando se alcançasse a sua forma lógica, a estrutura lógica subjacente à linguagem ordinária. Isto é, o estabelecimento da forma lógica que permitira explicar a natureza do significado (*Bedeutung*) e com isso a natureza do próprio pensamento.

Perseguindo esse propósito, Wittgenstein desenvolveu uma semântica onde afirma que o significado das proposições é explicado pela existência de um isomorfismo entre a estrutura lógica e a estrutura ontológica da realidade. Wittgenstein supunha que tanto a linguagem quanto o mundo podiam ser analisados até se chegar aos seus elementos constituintes últimos. Com base nesse pressuposto, ele procurou mostrar que a linguagem é composta da totalidade das proposições, que estas são compostas de proposições elementares, que por sua vez são combinações de nomes, sendo estes os elementos linguísticos últimos, não

¹⁷ Tradução nossa de: “*Sentences*: material equivalence, identity of truth-value, is sufficient to warrant inter-substitutability s.v.; its truth-value is therefore the *Bedeutung* of a sentence.”

¹⁸ Tradução nossa de: “This is all I inted to say here about Frege’s theory of *Bedeutung* except to note that IF this is right then, even thought it is only a approximation ‘reference’ is much closer to the sense in which Frege uses term than is ‘meaning’. Indeed Frege’s use of the term has very little to do with meaning.”

podendo mais ser colocados em análise, visto que são o que há de mais simples na linguagem. Nessas considerações, é claro afirmar que no *TLP*, Wittgenstein defendeu a concepção de que toda palavra é nome de um objeto, que esse objeto é designado pelo nome, ou seja o significado (*Bedeutung*) é o objeto que o nome designa, aponta. Vejamos os aforismos a seguir: “3.203 – O nome significa o objeto. O objeto é seu significado. (“A” é o mesmo sinal que “A”) / 3.22 – O nome substitui, na proposição, o objeto.”

Pois bem, não queremos aqui esgotar toda uma teoria tractatiana acerca da problemática do significado (*Bedeutung*). Por hora consideramos suficiente o esboço mostrado acima para se entender no que se situa a temática abordada nesta parte do texto. Essa teorização e processo no *TLP* não garante que teremos uma compreensão adequada do significado, pois podemos ter uma explicação que, devido à sua não compreensão ou má interpretação da mesma, está sempre sujeita a erros e imprecisões.

Nas *IF* Wittgenstein afirma que considerar todas as palavras como nomes e todas as sentenças como descrições denuncia uma má compreensão do funcionamento da linguagem ou, no mínimo uma compreensão insuficiente, por fomentar uma concepção equivocada de significado (*Bedeutung*). Isso levou Wittgenstein a mudar sua concepção de significado, rejeitando a necessidade da existência de objetos para que o nome tivesse significado e o sentido tivesse determinação e assumindo a defesa de uma ideia que este aspecto linguístico (semântico) se ganha no uso da linguagem e não depende da representação.

A partir da concepção tradicional da linguagem como essa acima, Wittgenstein a supera e rejeita, mostrando sua parcialidade por uma nova visão linguístico-filosófica. Para ele a linguagem não mais trata apenas de designar objetos por meio de palavras. As palavras (ou termos) estão inseridos numa situação global que rege seu uso, ou seja, são regidas pela relação dos objetos da construção. E a relação a tais objetos é resultado da situação a tal construção. Ora, não se deve mais fazer análise do significado (*Bedeutung*) de nenhum termo linguístico sem levar em consideração o contexto global de vida em que eles estão inseridos. O problema semântico (isto é, do significado) deve ser levado em consideração aos diversos contextos de uso dos termos, das palavras na linguagem. E acerca desse contexto a partir do uso, Wittgenstein projeta a noção de jogos de linguagem, com os quais

acentua a afirmação de que cada contexto implica novas regras e novas determinações de significado para expressões e/ou sentenças da linguagem.

Daí que, agora é possível afirmar que Wittgenstein procurou introduzir uma nova concepção que busque observar como a linguagem funciona, como usamos as palavras, e não mais uma teoria que busca especular sobre a linguagem, buscando sua estrutura ou essência. Ou seja, não é mais um teoria, senão uma nova imagem da linguagem: uma atividade humana como andar, passear, colher, etc. O conceito de linguagem está muito mais próximo do conceito de ação, e a partir dessa ação ou uso poderemos determinar seu significado para cada contexto global. E a categoria que se projeta a partir desse uso são os jogos de linguagem, que são o centro da nova imagem de linguagem em Wittgenstein, visto que essa sua nova forma de pensar fomenta toda sua nova concepção e possibilita também uma nova imagem da sua semântica (implícita).

3.2. Jogos de linguagem

De antemão, faz-se necessário atentar que agora nas *IF* Wittgenstein mudará sua metodologia, passando a negar seu pensamento anterior e formular uma nova concepção de linguagem, visto que ele havia percebido ser as teorias filosóficas frutos de desconhecimentos do funcionamento da linguagem¹⁹. Agora sua intenção é voltada ao funcionamento da linguagem, como usamos em nosso cotidiano as expressões lingüísticas, os termos, etc. E foi pensando acerca dessas expressões que o levou a formular a noção de jogos de linguagem.

Tendo Wittgenstein considerado sua comparação dos sistemas axiomáticos aos jogos de xadrez, estende ele sua analogia à linguagem como um todo, criando então assim a expressão “jogo de linguagem”. Correlacionando a ideia desse princípio conceitual ao que é analisado aqui em nosso trabalho, chegamos a aprender o significado das palavras aprendendo a usá-las, assim como o xadrez, aprendemos a jogá-lo não pela associação de peças a objetos, mas pela observação dos movimentos possíveis de tais peças, isto é, com o uso. Ou seja, por

¹⁹ Para esclarecimento do leitor fica pressuposto uma polissemia acerca da “linguagem”. Daí, que, nas *IF* ela ganha diversos conceitos, vejamos: a) Processo de uso de palavras que faz parte do jogo de linguagem (*IF*, § 7), b) Uma família de estruturas (*IF*, § 108), c) É um labirinto de caminhos (*IF*, § 203), d) Uma forma de vida (*IF*, § 241), e e) É um instrumento (*IF*, § 569).

isso há de se entender que uma proposição é um lance no jogo de linguagem; e assim ela não teria significado se estivesse fora desse determinado jogo.

Mas então, o que vem a ser conceitualmente um jogo de linguagem? Bem, é preciso alertar ao leitor que Wittgenstein não se preocupou em definir tal concepção, senão apenas lançar algumas noções a respeito. A noção de jogo de linguagem utilizado pelo autor na obra (*Investigações filosóficas*) além de ser um dos conceitos centrais para constituição de sua reflexão filosófica, traz em si uma nova imagem semântica, que desfaz a antiga imagem rigorosa do seu velho modo de pensar a linguagem, bem como sua semântica lógica. Vejamos:

Na prática do uso da linguagem (2), uma parte grita as palavras, a outra age de acordo com elas; mas na instrução da linguagem vamos encontrar este processo: o aprendiz dá nome aos objetos. Isto é, ele diz a palavra quando o professor aponta para a pedra. – De fato, vai-se encontrar aqui um exercício ainda mais fácil: o aluno repete as palavras que o professor pronuncia – ambos, processos linguísticos semelhantes. Podemos imaginar também que todo processo de uso de palavras (2) seja um dos jogos por meio dos quais as crianças aprendem sua língua materna. Quero chamar esses jogos de “jogos de linguagem”, e falar de uma linguagem primitiva às vezes como de um jogo de linguagem. E poder-se-ia chamar também de jogos de linguagem os processos de denominação das pedras e de repetição da palavra pronunciada. Pense em certo uso que se faz das palavras em brincadeiras de roda. Chamarei de “jogo de linguagem” também a totalidade formada pela linguagem e pelas atividades com as quais ela vem entrelaçada. (*IF*, § 7)

Ora, o jogo de linguagem trata-se de uma introdução reflexiva numa perspectiva de tornar claro como o significado do termo pode ser entendido e apreendido a partir do seu uso em uma determinada situação contextual e social. Visto que para Wittgenstein, agora não há uma fixação e determinação quanto ao que se pode compreender a respeito do significado, o conteúdo semântico não deve ser entendido como uma propriedade que se origina da palavra, senão como efetivação imanente do exercício de um contexto específico e que contém objetivos delimitados das expressões da linguagem. O que quer dizer que o valor significativo pode sofrer mudanças dependendo do contexto situacional em que a palavra é utilizada e do que se pretende com o seu uso.

Contrariando a semântica tradicional Wittgenstein chega a afirmar que a linguagem não deve ser apenas utilizada para descrever a realidade, mas que essa tem outras funções pragmáticas. Tais funções pragmáticas utilizadas em diferentes contextos situacionais com seus objetivos delimitados é o que ele vai denominar

“jogo de linguagem”. Ao se entender a conceituação dessa expressão fundamental, poder-se-á entender que dentro do contexto das expressões linguísticas existe uma interação entre falante e ouvinte, onde cada um deles emprega essas mesmas expressões num determinado objetivo. Em outras palavras, os falantes usam os termos (e expressões) tendo consciência dos diversos valores semânticos que o termo empregado pode subentender, por isso afirmamos que o objetivo comunicativo estabelecerá o critério do significado mediante o uso no “jogo”.

É preciso ter em mente que há uma relação significativa entre linguagem e comunicação, quer dizer, aquela é forma de expressão desta, por isso delimitar o valor significativo dependerá de como interpretamos o objetivo de seu uso nos vários jogos de linguagem.

Ao inclinar-se para os jogos de linguagem nas *IF*, Wittgenstein modifica o centro de sua atenção, que até então se voltara à geometria determinista e pretensões de resoluções linguísticas através do cálculo, agora se voltará para os jogos de linguagem onde estes influenciam nas práticas humanas, ou seja, ele passa a ter uma visão pragmática da linguagem.

Nos jogos de linguagem o significado passa a ter uma finalidade dada, e esta finalidade é efetivada conforme os referidos jogos em seu contexto. O contexto do jogo de linguagem, bem como para definir o significado durante o lance, passa a ser delimitado por um aspecto público do significado, e este aspecto público decorre do uso de regras públicas que formam o jogo de linguagem.²⁰

Voltemos nossa atenção à relação do significado com os jogos de linguagem. Pergunta-se: por que é no jogo de linguagem que o significado é conferido a uma palavra, uma frase e ao próprio jogo como uma totalidade proposicional? Ora, não é em outro contexto que o significado se efetiva, senão na própria forma pública, ordinária com que eles estão inseridos, visto que esses falantes proferem suas sentenças com algum teor simbólico e pragmático dentro do uso cotidiano. É possível notar que esses mesmos falantes praticam a comunicação (ou seja, fazem uso da linguagem) de modo público, nas suas mais variadas formas e situações de vida e de necessidade, atribuindo no uso da linguagem o conteúdo semântico conforme os contextos de uso. Bem, dessa forma, para podermos nos atentar a uma

²⁰Falaremos em outro tópico acerca do seguimento de regras que está interligado com os jogos de linguagem e a sua formação semântica.

compreensão do significado em relação aos jogos de linguagem, apresentaremos algumas visões conceituais acerca desses jogos.

Primeiramente, com relação à expressão “jogos de linguagem”, Wittgenstein apresenta de forma um tanto abrangente sua noção de jogo. Quando ele tenta abarcar uma gama de noções acerca dessa expressão, ele deixa em aberto uma variedade de interpretações, fazendo com que o termo jogo passe a ter uma flexibilidade de aspectos distintos. Para corroborar o que havíamos dito, vejamos o excerto a seguir:

E poder-se-ia chamar também de jogos de linguagem os processos de denominação das pedras e de repetição da palavra pronunciada. Pense em certo uso que se faz das palavras em brincadeiras de roda. Chamarei de “jogo de linguagem” também a totalidade formada pela linguagem e pelas atividades com as quais ela vem entrelaçada.” (IF, § 7)

Como percebemos, na citação usada acima, os jogos de linguagem guardam uma imensidão categórica quanto às diversas noções que podem abranger dependendo do contexto de seu uso. Entretanto, é possível separar duas noções aspectuais bem marcantes na obra: o primeiro é a que enfatiza a questão do uso dos termos e sua relação com os jogos, o segundo enfatiza as atividades e sua relação com os jogos, isto é, uma relação linguística e não linguística a partir dos jogos de linguagem.

Observemos, então, uma primeira noção aspectual, e como exemplo podemos citar:

[Quando os adultos nomeavam um objeto qualquer voltando-se para ele, eu o percebia e compreendia que o objeto era designado pelos sons que proferiam, uma vez que queriam chamar a atenção para ele. Deduzia isto, porém, de seus gestos, linguagem natural de todos os povos, linguagem que através da mímica e dos movimentos dos olhos, dos movimentos dos membros e do som da voz anuncia os sentimentos da alma, quando esta anseia por alguma coisa, ou segura, ou repele, ou foge. Assim, pouco a pouco eu aprendia a compreender o que designam as palavras que eu sempre de novo ouvia proferir nos seus devidos lugares, em diferentes sentenças. Por meio delas eu expressava os meus desejos, assim que minha boca se habituara a esses signos.] (IF, § 1)

Vemos que a passagem acima fala de um aprendizado, do modo de conceber os jogos a partir do aprendizado que algumas crianças recebem. Ora, como é que notamos que se faz o aprendizado da criança da língua natal? Entre diversas

formas, imitando os adultos, repetindo as palavras, frases, ouvindo-os nomearem as coisas, as sensações e assim por diante.

Wittgenstein vai denominar esse aspecto do jogo como *jogo primitivo*. Mas o que seria esse jogo primitivo, senão um jogo de linguagem em que os lances, as formações das sentenças, a atividade comunicativa que se dá sem maiores dificuldades para iniciar o próprio jogo. No entanto, ele não deixa tão claro o que seria esse jogo primitivo, mas que há pistas de sua simplicidade, daí que ele vai exemplificar o jogo que ocorre entre um construtor e um ajudante. Onde aquele pede a este que lhe passe certos objetos, citando apenas os nomes deles, a linguagem entre ambos é rústica e formada apenas de termos nominais, onde o jogo se estabelece numa comunicação eficaz, e que Wittgenstein vai dizer que se trata de uma linguagem primitiva completa.

Os exemplos, dados aqui, possibilitam uma compreensão melhor do que se trata a expressão “jogo de linguagem”. No entanto, vale dizer que o próprio Wittgenstein não gasta esforços para dar uma definição exata do que seriam esses jogos. Os jogos de linguagem são diversos e dinâmicos, visto que há elementos que podem ser encontrados e esquematizados em infindáveis modos de usos de linguagem.

Poucos termos sógnicos, poucas palavras, e apenas formas nominais, como os exemplos citados acima (capítulo 1), podem formar um jogo de linguagem ou até vários jogos de linguagem. A depender das regras (deixando este assunto para outro momento) e dos contextos usados pelos participantes para formar conexões de significado, os jogos ganham novas “cores” e expressam sua objetividade em determinado contexto. E conforme a finalidade que os falantes derem a essas conexões a fim de outorgar-lhes um significado, poder-se-á atribuir um valor semântico num jogo.

O significado repercute-se grandemente na questão de uma característica, a pluralidade, que percebemos revelar nessa concepção como estruturas linguísticas e que obedecem às várias regras que são colocadas em público. Visto que essas regras são bem definidas quando estes usuários as empregam nas diversas formas e circunstâncias da vida social, compreende-se, então, que elas efetivam uma comunicação em cada contexto na sociedade. Como então podemos elencar as diversas formas de jogos de linguagem? Wittgenstein vai tentar ilustrar e/ou exemplificar essas diversidades no § 23, no qual ele afirma que há uma diversidade

de jogos, denominando-os “signos”, “palavras” e “frases”, isto é, espécies de diferentes empregos que não se fixam, e que podem caducar, envelhecer, entrar em desuso, bem como essas que envelhecem podem voltar a serem reutilizadas num contexto linguístico. Vejamos:

Tenha presente a variedade de jogos de linguagem nos seguintes exemplos:

Ordenar, e agir segundo as ordens –
 Descrever um objeto pela aparência ou pelas suas medidas –
 Produzir um objeto de acordo com uma descrição (desenho) –
 Relatar um acontecimento –
 Fazer suposições sobre o acontecimento –
 Levantar uma hipótese e examiná-la –
 Apresentar os resultados de um experimento por meio de tabelas e diagramas –
 Inventar uma história; e ler –
 Representar teatro –
 Cantar cantiga de roda –
 Adivinhar enigmas –
 Fazer uma anedota; contar –
 Resolver uma tarefa de cálculo aplicado –
 Traduzir de uma língua para outra –
 Pedir, agradecer, praguejar, cumprimentar, rezar.
 (IF, § 23)

A partir do trecho acima, percebe-se de antemão que se trata de uma lista exorbitante, mas que de qualquer forma não esgota as muitas possibilidades e variações infindáveis de jogos de linguagem. Tal lista nos dá apenas uma noção da variedade dos jogos de linguagem e essas variações podem caducar e entrar em desuso, e o contrário.

Atentemos no que o filósofo afirmará mais a frente nas *IF*:

Quem não tem clara a variedade dos jogos de linguagem estará inclinado a fazer perguntas como esta: “O que é uma pergunta?” – É isso a constatação de que não sei tal e tal coisa, ou a constatação de que eu desejo que o outro possa me dizer...? Ou é a descrição de meu estado psíquico de incerteza? – E o grito “Socorro!” é uma descrição? (IF, § 24)

No trecho acima, ele trata com ironia a falta de conhecimento dos jogos. A ironia pelo desconhecimento das variações que esses mesmos jogos podem executar em suas multiformidades em cada contexto social. Ou seja, a ironia se destaca pela polissemia confusa e a falta de precisão semântica, havendo assim uma quebra de comunicação entre os falantes mediante um jogo de linguagem que um deles não compreende e/ou domina.

O falante ou usuário da língua que não considera a variabilidade dos jogos de linguagem, de fato não se atentará ao fazer perguntas contrassensuais como mostrou o texto acima, do tipo “o que é isto?”. Daí que o usuário da língua que constrói esse tipo de indagação não se atenta que tal construção sentencial pode desencadear a multiformidade contextual dos jogos, isto é, o significado terá uma pluralidade contextual de aplicações e finalidades, visto que são muitos os jogos, e conforme a atribuição que lhe é dada, também é contextual a atribuição semântica que lhe é proposta quando no uso da linguagem conforme seu jogo.

Ora, como são variados os jogos, também são variados os significados. Os jogos são multiformes porque os falantes ou usuários da língua dão a esses mesmos jogos diversos tipos de finalidades contextuais. E por que são plurais esses jogos de linguagem, múltiplos também se tornam no contexto de uso o seu valor semântico, isto é, o significado não é fixo.

A segunda noção aspectual: as atividades e sua relação com os jogos, isto é, uma relação linguística de um lado, e uma relação não linguística de outro, ambas ocorrendo em tempos e aspectos distintos, embora num entrelaçamento contínuo a partir dos jogos de linguagem. O que Grayling (2002, p. 110) afirmará que haverá uma concordância entre comportamentos (isto é, atividades) e as expressões da linguagem, visto que percebemos sim, que essas atividades lingüísticas entrelaçam-se com o que Wittgenstein chama de formas de vida. Ou seja, “A expressão jogo de linguagem deve salientar aqui que falar uma língua é parte de uma atividade ou de uma forma de vida.” (IF, § 23)²¹

Não há formalidade, não há uma construção teórica em que se enquadra um jogo de linguagem, por isso entender um jogo de linguagem é entendê-lo não como algo formal ou teórico. O jogo de linguagem como acentua o excerto que acabamos de ler no trecho acima, trata-se tão somente de uma atividade linguística executada por um falante ou usuário da língua em questão. O jogo de linguagem é uma atividade intrínseca ao ser humano, são ações como: andar, comer, sorrir, chorar, falar, etc. O conjunto de signos e de sons que formam um significado estrutural já não é apenas ou unicamente uma forma de linguagem, como estruturas que são importantes isoladamente. Agora os jogos de linguagem são partes de

²¹Mais adiante dedicaremos um tópico desta dissertação para tratarmos com maior profundidade à questão das formas de vida. Daí entendermos a partir de Wittgenstein que os jogos são partes de formas de vida (IF § 23)

formas de vida, e essas formas são pluriformes. Ou seja, se a forma de vida aprimora, faz compreender e constrói o ensino do jogo de linguagem, então “somente a forma de vida pode oferecer o contexto certo para se entender o jogo de linguagem.” (LUNA, 2009, p. 98)

Sendo assim, a partir do que explanamos sobre a noção de jogos de linguagem como estrutura que constitui a semântica de Wittgenstein, Glock (1998, p. 225 – 229) na sua obra apresenta quatro formas de apresentar o termo “jogo de linguagem” os quais seriam conceitualmente: (i) quanto às *práticas de ensino*, (ii) os *jogos de linguagem fictícios*, (iii) as *atividades linguísticas* e a (iv) *linguagem como jogo*, o que pretendemos discorrer sinteticamente nas linhas seguintes.

Concernente (i) a *prática de ensino* nas *IF*, Wittgenstein conceitua os jogos de linguagem como recursos de se por em prática os usos dos signos como modos linguísticos mais simples que se poderão utilizar em nosso cotidiano, como exemplificação desses signos. Ele chama atenção para as chamadas “formas primitivas” as quais uma criança começa a pôr em prática durante o uso linguístico. Essa forma primitiva é exemplificada como aquele método paterno de ensino através de apontamentos quando se quer chamar atenção para o objeto o qual se pretende nomear.

Nós já vimos anteriormente acerca dessa prática que Wittgenstein chamou atenção para o ensino ostensivo, onde o objeto apontado parece constituir um critério para se pensar que o seu valor semântico está nessa atividade primitiva. Entretanto ele irá criticar essa concepção que trata esse critério como apenas uma via para a compreensão do significado. Daí que Wittgenstein não dá tanta importância para as práticas de ensino, visto que são como fragmentos de nossa linguagem, como que subconjuntos incompletos de um todo, importando de sua parte o fato pelo qual nos mostram traços que distinguem as palavras quando as usamos em nossas atividades linguísticas. Por isso:

Após essas práticas de ensino, há a abertura para (ii) o campo dos *jogos de linguagem fictícios*, que são apenas práticas linguísticas simples, de princípios hipotéticos ou inventados os quais podem ter por apreensão a compreensão de jogos de linguagem mais complexos. À luz de Wittgenstein, há pelo menos duas maneiras de se utilizar os jogos de linguagem fictícios: a) reconstituindo discursos complexos a partir de jogos de linguagem simples, b) lançando mão de jogos de linguagem como parte de um argumento de *redução ao absurdo*, e permitindo assim

construir jogos de linguagem que facilitem a compreensão de certos conceitos de uma determinada visão filosófica, destacando dessa forma o contraste desses e de nossos jogos de linguagem e conceitos reais. Ora, percebe-se que esses jogos fictícios efetivam-se no exemplo do diálogo entre o construtor e o ajudante, quando ele exemplifica de forma clarificada e objetiva que a relação comunicativa entre A – B (construtor e ajudante) é um jogo de linguagem onde prevalece uma ordem. O ajudante compreende e comporta-se conforme o termo linguístico “laje” e ao comportar-se dessa maneira também percebe o significado do termo no contexto de uso. Ao se modificar as regras e dentro de outro contexto prático o termo “laje” terá outra compreensão semântica.

Quanto (iii) às *atividades linguísticas*, Wittgenstein nos fornece uma lista dessas atividades como constituintes de atos de fala, tais como: “comandar”, “descrever um objeto conforme a aparência”, “relatar um acontecimento”, “conjecturar sobre o acontecimento”, os quais são acrescidos ao longo da obra por atividades mais complexas, como por exemplo, mentir, relatar sonhos, formar hipótese e verificá-las, entre outras. Fazem parte dessas atividades, também, os modos de discurso como: fazer previsões indutivas, falar de objetos físicos ou impressões dos sentidos e atribuir cores a objetos. Sendo assim, perceber-se-á o caráter pragmático da linguagem, tendo em nosso uso cotidiano a utilidade para devidos fins e objetivos: tais como apreender numa atividade linguística, o valor semântico do termo ou expressão utilizados. Como vimos logo acima, em sua lista constam inumeráveis tipos de atividades que se encaixam nesses jogos como formas de empregos linguísticos ou não. (ver parágrafo 23 das *IF*)

E por último, Wittgenstein se utiliza da linguagem como (iv) *jogo*, dentro do que se quer expor aqui ao conceito dos jogos de linguagem. Fazendo menção dessa forma, o autor utiliza o conceito “jogo de linguagem” fazendo referência a esse sistema como um todo, referindo-se ao “jogo de linguagem total”, ao “jogo de linguagem humano”, o “nosso jogo de linguagem”. Neste contexto a linguagem é condicionada à prática. As palavras têm significado não apenas dentro de uma proposição, mas também no jogo em que são usadas, e há diversos jogos onde se pode falar da mesma palavra com o mesmo significado, ou não. Tendo tudo isso em mente, podemos então compreender a concepção do significado das palavras quanto ao uso que delas fazemos nos diferentes jogos de linguagem.

Para Wittgenstein a “linguagem” entendida como “jogo” está ligada ao que se compreende por *semelhanças de família*. Tópico este a ser tratado em outra parte nesta dissertação. Para início de discussão, é inevitável a compreensão de que os jogos não estão em sintonia ou ligados entre si por um único traço similar que os delimitam, senão por um emaranhado de similaridades que se entrelaçam e se cruzam, da mesma forma como membros de uma família que têm algo semelhante entre eles nos variados aspectos.

Uma amostragem das similaridades consideradas suficientes dá justificativa às aplicações de “jogo”. Sendo assim é justificável a nomeação que se faz aos meios de atividade que possuem regras e paradigmas práticos. Por isso a menção ao “jogo” referente à linguagem, visto que “jogo” comporta aspectos semelhantes às práticas linguísticas que também têm em seu escopo aspectos identitários e regras justificando assim as *semelhanças* entre ambas, isto é, os jogos formam uma família, bem como a linguagem forma um parentesco entre os diversos comportamentos linguísticos. Segundo Abramovich (1999, pp. 63 -75), Wittgenstein não chega a propor que todos os conceitos linguísticos são conceitos de *semelhanças de família*, mas que ele dá uma proposta de que há pelo menos algumas ramificações do conceito de *semelhanças de família* que estão unidas por condições necessárias e suficientes.

Contudo, deve-se sempre atentar que os jogos são jogados de acordo com regras, e que tais regras podem ser mais ou menos explícitas, e têm uma formalidade. Os jogos de linguagem possuem regras também, e regras que definem o que é ou não válido, segundo quais objetivos podem ser alcançados. Essas são regras de uso, regras pragmáticas que engendram os jogos, dando possibilidade de serem praticados por quem joga num contexto discursivo linguístico. Por isso por em análise o significado dos termos ou palavras é basear-se nos jogos em que são aplicadas e examinadas pelo uso que os participantes fazem dela em certo e limitado jogo. Em outras palavras, por em análise o significado das palavras consiste em mapearmos as regras segundo as quais nós jogamos e realizamos lances lícitos nesses jogos. Para Wittgenstein nas *IF*, o centro elementar na linguagem são as funções pragmáticas que as palavras podem desempenhar nos variados jogos de linguagem. As regras determinam para nós como e para que podemos usar as palavras e em que circunstâncias contextuais de uso isso poder ser feito.

Para corroborar com Glock (1998) acerca do que ele apresenta sobre linguagem entendida como jogos, e esta comparação com tais atividades trazerem a noção de *semelhanças de família* (ponto este a ser explicado mais a frente num tópico a parte) Abramovich (1999, pp. 64 – 70), ainda, faz uma lista de pelo menos sete aspectos desses jogos. Vejamos:

(i) – *Os jogos não apresentam propriedades comuns*, embora denominamo-las como “jogos” visto que seria algo insatisfatório afirmar que tal propriedade pode ser encontrada nessas atividades que chamamos “jogos”. Ora,

Como explicaríamos para alguém o que é um jogo? Creio que descrevendo *jogos*, e poderíamos acrescentar à descrição: “isto e coisas semelhantes são chamados “jogos”. E sabemos, nós próprios, mais do que isto? E somente a outrem é que não somos capazes de dizer exatamente o que é um jogo? – Mas isto não é ignorância. Não conhecemos os limites, porque não se traçou nenhum limite. (IF, § 69)

(ii)– Sabemos o que são membros de uma família, e como partes de uma corporação familiar, assim são os jogos. Daí que *os jogos não estão unidos por um único traço familiar*. Ora, acabamos de falar de componentes familiares, e assim são os jogos, são complexos e possuem uma rede de similaridades. Visto no ponto (i) que não há uma única propriedade comum aos jogos, assim é que não se deve asseverar que os membros se agrupam por essa tal unidade aspectual, o que dá suporte conceitualmente, e uma unidade chamando-os “jogos”.

(iii) – *A atividade como “jogo” tem uma função plural*: descrever jogos, lances, dar exemplos de atividades lingüísticas e extra-lingüísticas. Ora, o jogo visto como modelo de multiplicidades é uma noção exemplar de como o conceito de “jogo” pode ser visto e entendido numa atividade, pois “é precisamente assim que se explica o que é um jogo. Dá-se exemplos e pretende-se que eles sejam entendidos num certo sentido.” (IF, § 71)

(iv) – A presença de similaridades entre os jogos de linguagem justifica chamarmos essas atividades de “jogos”. Ou seja, há caracteres particulares que os jogos compartilham e que tornam possíveis nós denominamo-los dessa forma, uma vez que a justificativa está presente na relação que há entre essas práticas lingüísticas e os jogos, sustentando traços familiares e que os constituem como atividades ou “jogos”. Notemos e atentemos:

Não posso caracterizar melhor essas semelhanças do que por meio das palavras “semelhanças familiares”; pois assim se sobrepõem e se entrecruzam as várias semelhanças que existem entre os membros de uma família: estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, andar, temperamento etc. etc. – E eu direi: os “jogos” formam uma família. (*IF*, § 67)

(v) – *Há uma única família cuja estrutura é formada pelo “jogos”, em outras palavras, o parentesco familiar entre esses jogos unificam-se nas atividades linguísticas e extralinguísticas efetivadas nas práticas, nos jogos. Daí que “eu direi: os ‘jogos’ formam uma família” (IF, § 67), embora saibamos “que o conceito de ‘jogo’ é um conceito de contornos imprecisos (IF, § 71).*

(vi) – *Não há precisão em torno dos limites dos jogos, o que há são apenas modelos de similaridades, pluralidades, cujas estruturas guardam parentescos entre si. Visto que o próprio Wittgenstein não limitou um conceito, senão noções várias acerca dos jogos. (Ver a exemplificação metafórica acerca das cores em analogia aos jogos no § 72²²).*

(vii) – *É possível traçar limites, contornos, linhas acerca do conceito de um jogo. Embora se saiba que todas essas práticas são atividades cuja constituição não traz uma definição fechada. O que Wittgenstein oferece são exemplificações que mostram pequenas luzes acerca desses jogos:*

[...] Podemos percorrer os muitos, muitos outros grupos de jogos, ver as semelhanças aparecerem e desaparecerem.
E o resultado desta observação é: vemos uma complicada rede de semelhanças que se sobrepõem umas às outras e se entrecruzam. Semelhanças em grande e em pequena escala. (*IF*, § 66)

Diante do exposto queremos encerrar este tópico afirmando que a conclusão adequada e de forma objetiva que se pode anexar aos jogos, pelo fato de tentarmos explicar aqui, é que “jogo” não é um termo unívoco, mas conserva diferentes valores significativos, diversos conceitos. E por esta razão, ao perceber que este ramo de

²² “*Ver o comum*. Suponha que eu mostre para alguém diferentes quadros coloridos e diga: “a cor que você vê em todos os quadros chama-se ‘ocre’”. – Esta é uma explicação que é entendida na medida em que o outro procura e vê o que é comum àqueles quadros. Ele pode então olhar para o comum, apontar para ele. / Compare com o seguinte: Mostro-lhe figuras de formas diferentes, todas pintadas da mesma cor, e digo: “O que estas têm em comum entre si, chama-se ‘ocre’” / E compare com isso: Mostro-lhe padrões de diferentes matizes de azul e digo: “A cor, que é comum a todos, eu chamo de ‘azul’” (*IF*, § 72)

conceitos comporta outras estruturas ou categorias conceituais (semelhanças de família, formas de vida e seguimento de regras) que podem dar a noção da semântica construída por Wittgenstein, entraremos nesse contexto e explanaremos essas estruturas (categorias conceituais) mais adiante, nas próximas páginas.

3.3. Semelhanças de família²³

Não posso caracterizar melhor essas semelhanças do que com a expressão “semelhanças de família”; pois assim se envolvem e se cruzam as diferentes semelhanças que existem entre os membros de uma família: estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento, etc., etc. – E digo: os “jogos” formam uma família. (*IF*, § 67)

Após sua explanação acerca da multiplicidade dos jogos de linguagem, Wittgenstein prossegue, consoante a essa estrutura linguística e extra linguística, num objetivo de defendê-la, e a partir dela desenvolve outra noção imbricada ao conceito de jogos, a de semelhanças de família. E o excerto acima trata de uma introdução que Wittgenstein desenvolveu acerca da teoria das semelhanças familiares.

Semelhanças de famílias podem ser pensadas como categorias conceituais associadas aos jogos de linguagem e à própria linguagem, visto que estas são também partes estruturais que se aplicam a objetos. Os objetos delimitados pela linguagem e pelos diferentes jogos não apresentam entre eles uma propriedade partilhada e que seja comum, nem essas propriedades poderiam delimitar a noção dessas categorias maiores que as envolve num determinado uso. E pensando acerca disso e da inviabilidade de poder agrupar as diversas propriedades, o filósofo austríaco as denominou semelhanças de família, pois essas estruturas, adjetivadas às propriedades, delimitam os diversos jogos mediante um parentesco. Não obstante delimitados e harmonizados em categorias de famílias, essas estruturas conceituais não passam a ser delimitadas pelo que há de comum (não partilham uma única característica comum) entre elas, senão pelos diversos aspectos que as tornam um corpo familiar, um grupo de elementos que dividem traços de parentesco aplicados aos objetos ou termos linguísticos mediante um jogo. E assim o próprio

²³Familienähnlichkeit.

filósofo, consoante sua explanação acerca dos diversos jogos, afirma a respeito da linguagem e o que a ela está associada com o que denominou semelhanças de família:

Ao invés de indicar algo que seja comum a tudo o que chamamos linguagem, digo que não há uma coisa sequer que seja comum a estas manifestações, motivo pelo qual empregamos a mesma palavra para todas, - mas são *aparentadas* entre si de muitas maneiras diferentes. Por causa deste parentesco, ou destes parentescos, chamamos a todas de “linguagens”. (*IF*, § 65)

Curiosamente Wittgenstein num trecho anterior (§ 65) havia demonstrado a possibilidade da inquietude de alguém se perguntar sobre aquilo que poderia ser denominado de “essência do jogo de linguagem”, isto é, algo que não poderia ser dispensável para a compreensão conceitual do cerne da sua estrutura (da linguagem). Essa essência poderia evidenciar que os chamados processos, quando estruturados tornar-se-iam num corpo linguístico que trazem em si um cerne, um âmago composto de partes ou peças linguísticas para o jogo. Entretanto não haveria a possibilidade de encontrar essa essência, visto que os processos que se tornam comuns, que os tornam em linguagem, ou peças do jogo linguístico Wittgenstein apenas elucida como estruturas que são aparentadas entre si de muitas maneiras. Ele as chama linguagens a todas. Ora, dessa maneira é introduzida a questão do parentesco entre as estruturas linguísticas. Essas estruturas linguísticas apontadas pelo filósofo manifestam não algo de comum, mas manifestam estruturas parentais que se expressam num jogo de diversas formas, porém guardam no seu corpo estrutural uma diversidade, que diferente da unicidade, se podem assemelhar entre si, e terem aspectos que se entrecruzam.

Além do mais, como se apresenta nas *IF*, a “introdução” à noção de *semelhanças de família* se estende do parágrafo 65 ao 74, mas o núcleo do debate está posto entre os parágrafos 75 e 88, e aborda justamente a contraposição aos pressupostos que dogmatizam a busca pela essência ou a delimitação exata de um conceito. E como é visto nesses trechos, Wittgenstein apresentará as semelhanças de famílias como categorias conceituais que compõem não uma essência, isto é, o que é comum às manifestações linguísticas, senão as manifestações da linguagem que apresentam seu aspecto parental num jogo, daí que são chamadas todas de linguagens. (AQUINO, 2012, p. 57). Mas o que pode caracterizar um “jogo”? o que definirá a noção de jogo? Vejamos:

Considere, por exemplo, os processos que chamamos de “jogos”. Refiro-me a jogos de tabuleiro, de cartas, de bola, torneios esportivos etc. O que é comum a todos eles? Não diga: “algo deve ser comum a eles, senão não se chamariam ‘jogos’”, - mas veja se algo é comum a eles todos. – Pois, se você os contempla, não verá na verdade algo que fosse comum a *todos*, mas verá semelhanças, parentescos, e até toda uma série deles. Como disse: não pense, mas veja! (*IF*, § 66).

Ora, a noção de *semelhanças de família* representa um paradigma da complexidade funcional que há na estrutura da linguagem. Então, o que há de comum entre os diversos tipos de jogos linguísticos e extra-linguísticos? Como vimos no excerto acima, há uma problemática dos jogos em que sua funcionalidade ou seu aspecto não pode ser descrito, mas de certa forma “visto”, observado. Isto é, essa manifestação que é visual, é algo que nos levará a atentar para as semelhanças ou parentescos que surgem e desaparecem. Contudo, essas manifestações se expressam entre os membros, tornando-os um corpo que guardam em si uma relação familiar a partir das manifestações dentro dos jogos e/ou lances linguísticos.

Voltemos ao assunto acerca do comum subjacente à manifestação da linguagem. É visto a partir do parágrafo 65²⁴ que Wittgenstein introduzirá uma discussão breve do que envolve a questão de noção de “forma geral da proposição”. Para Hebeche (2003, p.3) esse conceito é visto como um dogmatismo que tem seu princípio originado dentro de uma aspiração que busca um ponto de vista fora da aplicação linguística, ou seja, do encontrar “algo comum” que estaria contido na linguagem e no mundo.

Sendo assim, a noção de que há “algo em comum”, que permitiu conectar o comum da proposição com o comum do mundo cede lugar agora para a noção de “semelhanças de família”. A discussão acerca desse conceito (o comum) é substituída pelo uso na linguagem. Os seus significados não remetem para além da sua execução efetiva na linguagem. A vivência do valor semântico das palavras geralmente expressa um certo parentesco que elas têm entre si. Ora, e onde fica então o ponto crucial da discussão aqui (o significado)? O significado de uma palavra não será mais visto como um objeto específico que lhe corresponde, mas o aglomerado-de-usos-afins que ela tem na linguagem. (IDEM, 2003, p.3). E vemos

²⁴ Você se dá de presente, portanto, exatamente a parte da investigação que, a seu tempo, lhe deu as maiores dores de cabeça, a saber: a parte que diz respeito à *forma geral da proposição* e da linguagem. (WITTGENSTEIN, 2014, p.51)

aqui esse aglomerado como estruturas parentais que justificam o conjunto de semelhanças que são indicativas do conteúdo do significado. Vejamos, as formas ou estruturas parentais desenvolvem o que detectamos como funções das palavras: apresentar seu significado no uso na linguagem. Em outras palavras, as semelhanças guardam um conteúdo que as distinguem umas das outras, esse conteúdo poderemos chamar de “traço distintivo pragmático” entre parentescos, isto é, esse conjunto de parentescos estruturam o aspecto semântico funcional dos termos linguísticos a partir do uso da linguagem nos jogos.

3.4. Formas de vida

Como afirmamos há pouco, o jogo de linguagem é uma atividade intrínseca ao ser humano, são ações como: andar, comer, sorrir, chorar, falar, etc. O conjunto de signos e de sons, que formam um significado estrutural, já não são apenas ou unicamente uma forma de linguagem, como estruturas que são importantes isoladamente. Agora os jogos de linguagem são partes de formas de vida, e essas formas são pluriformes. Ou seja, se a forma de vida aprimora, faz compreender e constrói o ensino do jogo de linguagem, então “somente a forma de vida pode oferecer o contexto certo para se entender o jogo de linguagem.” (LUNA, 2009, p. 98). Ora, para encerrar (abarcando, não em sua totalidade) o valor semântico, isto é, o significado, é preciso delimitar a noção de jogos de linguagem, e a estes devemos os entender a partir dos usos que se encerram nas formas de vida. Daí que nas próximas linhas tentaremos delimitar noções claras acerca dessas categorias que envolvem uma particularidade da semântica de Wittgenstein.

Pensar em formas de vida é pensar respectivamente em como se configuram, como se comportam, e que aspecto ou aparência demonstram dentro do conjunto de estruturas que Wittgenstein delimitou para sua teoria do significado. Considerando isso acerca das *Lebensform(en)* (*formas de vida*) é curioso notar que poucas foram as ocorrências na obra do filósofo austríaco. Contando-se apenas três ocorrências na primeira parte das *IF*, *mais* precisamente nos parágrafos 19, 23, e 241, na segunda parte ocorre mais duas vezes. Daí que nosso objetivo é tentar oferecer

uma análise conceitual, ou de forma mais precisa, oferecer algumas discussões que possam esclarecer o conceito de formas de vida.

Vimos anteriormente que Wittgenstein ao elaborar seu conceito de jogos de linguagem, fez uma associação com outro aspecto também conceitual e estrutural, as chamadas formas de vida. Ele primeiramente afirmou que os jogos estão interligados com outras atividades, e que formam um conjunto da linguagem. Mas essa linguagem está dissociada de uma vagueza, de um vazio que não a efetive, isto é, ela se efetiva, ela existirá no conteúdo do discurso humano, fazendo parte e sendo tema da exposição linguística do ser humano. Daí que Wittgenstein afirma que “o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida.” (*IF*, § 23).

É possível associar nessa passagem do filósofo que a atividade linguística está interligada ao problema da forma de vida. Ou seja, a atividade linguística ou a própria linguagem em seu aspecto de uso, faz-se necessariamente como porção ou parte de um conjunto social, ético, cultural, e também linguístico, bem como não linguístico denominado *Lebensform(en)* (*Formas de vida*). Mas, então, como dar uma resposta clara a uma noção de forma de vida, visto que esta é seguramente intrínseca ao ser humano? Ora,

O conceito de forma de vida está ligado a esta característica cultural mais do que às características biológicas do homem. Por isso, não se pode dizer que haja uma única forma de vida humana, característica da espécie, mas diferentes formas de vida, características de diferentes culturas e épocas. (DONAT, 2008a, p. 5)

A forma de vida comporta-se, ou configura-se como um conjunto que engloba as atividades da linguagem, por isso entende-se que a linguagem é parte constitutiva, isto é, ela é construída ou está fundada num conjunto das formas de vida, ou de cada uma delas. A forma de vida estabelecerá a função linguística, sendo, portanto, um conjunto de determinadas partes dessa função, em outras palavras, a linguagem e sua função serão determinadas a partir desse conjunto a qual estão integradas estruturalmente.

Há um aspecto cultural, há também um aspecto ético ou social das atividades da comunidade linguística, e essas atividades linguísticas associadas às formas de vida como atividades comunitárias, vêm-se imersas aos jogos de linguagem. Daí pensar-se que a linguagem é uma expressividade pragmática estrutural que envolve

toda uma comunidade linguística dentro de suas próprias ações, dentro de suas formas de vida, dentro desse conjunto que abarca a parte (linguística) que interessa discutir aqui. Tendo em vista que “o embasamento nas formas de vida mostrou que a linguagem é autônoma (à semelhança do jogo), não sendo nem produto de um raciocínio...” (SPANIOL, 1990, p. 28)

Se discutir a parte (linguagem) é falar de uma parte que envolve um todo, um conjunto (formas de vida), logo o todo dessa parte que envolve os jogos, também tornar-se-á uma multiplicidade. Visto que há diversos e pluriformes jogos de linguagem, isso é porque também há incontáveis e multiformes formas de vida. Vejamos alguns trechos do § 23, como exemplo dessa multiplicidade linguística que envolve o todo (conjunto – formas de vida). Passemos a analisar e “tenha presente a variedade de jogos de linguagem nos seguintes exemplos”: “Ordenar, e agir segundo as ordens” é um critério linguístico que determina uma posição de governo, um desejo de ser obedecido, uma forma de vida que busca seu controle situacional ético, moral e de certa forma de controle social; “cantar cantiga de roda” é um critério que estabelece uma cultura musical, possivelmente essa forma de vida está relacionada aos meios escolares, onde se preserva as canções infantis como forma de educação das crianças nas primeiras idades; “resolver uma tarefa de cálculo aplicado” é outro critério que determina uma tarefa racional, mais precisamente um jogo de linguagem que se situa numa forma de vida aplicada ao contexto dos estudos matemáticos e de raciocínio lógico; “adivinhar enigmas”, “traduzir de uma língua para outra”, “pedir, agradecer, praguejar, cumprimentar, rezar” etc. Todos esses exemplos são jogos de linguagem que estão inseridos no conjunto das diversas formas de vida.

Como vimos, inúmeras são as formas de vida, haja vista que são muitos os comportamentos ou atividade linguísticas: dar ordens faz parte da forma de vida, a simples descrição das coisas fazem parte da forma de vida. Ora, a forma de vida abarca qualquer fenômeno linguístico do agir, desde caminhar numa estrada longa, cantar canções de ninar, exercer uma atividade de tradutor ao verter de uma língua para outra, etc. Como há de se perceber, a cada forma de vida ou a cada contexto prático da linguagem, torna-se necessário haver uma correspondência: cada jogo, uma forma de vida, sendo esta um conjunto que engloba os diversos jogos. Ora, não é senão a linguagem uma multiformidade empregada nas atividades, nos jogos? Pois,

A linguagem é como uma coleção de ferramentas. Na caixa há um martelo, uma serra, uma régua, um vidro de cola e cola. Muitas das ferramentas são aparentadas entre si na forma e no uso, e as ferramentas podem ser grosseiras divididas em grupos, segundo suas relações; mas as fronteiras entre esses grupos muitas vezes serão mais ou menos arbitrárias e há vários tipos de relação que se inter cruzam. (GF, § 31)

Se “representar uma linguagem equivale a representar uma forma de vida” (IF, § 19), é seguro asseverar também que a linguagem tem como base a forma de vida, visto que esta lhe assegura a sua efetividade dentro de um jogo, pois sendo um conjunto dessas atividades, nada a impede que fundamente os variados jogos mediante as regras. “Mas se a forma de vida é o fundamento de nossas práticas linguísticas é um *fundamento sem fundamentos*, a descrição dos usos não se lança aquém das formas de vida, parte delas e descreve seu funcionamento efetivo e possível”. (Apud DONAT, 2008a, p.2).

Onde então encaixaríamos a linguagem, senão nos modos diversos em que os homens atribuem aos termos um valor significativo, um valor semântico. E esta atribuição que se efetiva no emprego dos termos está associada à forma de vida. Mas o que é isso? Eu posso compreender os termos a partir das descrições que faço deles? É a aplicabilidade terminológica que me sugere uma apreensão dos valores conceituais? Wittgenstein afirma no parágrafo 29 de sua obra *Gramática Filosófica* (GF) que:

No momento, digamos, sei apenas como os homens usam essa palavra. Mas poderia ser um jogo ou uma forma de etiqueta. Não sei por que se comportam dessa maneira, como a linguagem se entrelaça com sua vida. O significado, então, é apenas o uso de uma palavra? Não é o modo como esse uso se entrelaça com nossa vida? Mas seu uso não é parte de nossa vida?
[...]
Bem, a linguagem realmente se liga à minha vida. O que é chamado “linguagem” é algo formado de elementos heterogêneos, e a maneira como se entrelaça com a vida é infinitamente variada.

Veja-se, aqui tentaremos concluir essa parte da dissertação acerca das formas de vida, tendo em vista que pouco falou Wittgenstein sobre o assunto. Mas como bem salientamos, e com base em Glock (1998, p. 174), podemos resumir: as formas de vida como um conjunto constituído por padrões de comportamento: os jogos de linguagem estão inclusos nas formas de vida, sendo este um conjunto da própria linguagem, e esta é parte daquelas.

Há ainda um aspecto das formas de vida que tornou-se importante e de certo modo eminente para sua compreensão dos campos em que estão inseridos a cultura e sociedade linguísticas: o contextualismo. Desse modo, Wittgenstein afirma que para representar as atitudes humanas, ao descrever suas ações, é preciso atentar-se no ato da descrição em colher detalhes coletivos, não apreender-se somente no contexto individual fora da comunidade, isolando-a dos outros atos envolvidos, visto que estes podem ser um pano de fundo para o que se sucedeu isoladamente. Mas o que é esse “contexto de forma de vida” senão a existência de determinados jogos de linguagem ligados à comunidade linguística do sujeito. Por isso se afirma que um modo de vida faz parte de uma ação individual, que entretanto é ligada a outras formas de vida coletivamente. Isto é, dentro das formas de vida podemos justificar os jogos particulares que se dão numa comunidade. (GLOCK, 1998; ABRAMOVICH, 1999). Entretanto, e finalmente

A inclusão das *formas de vida* no fenômeno da linguagem permite entender com mais facilidade um outro aspecto fundamental do pensamento de Wittgenstein, a saber, que a sua filosofia é essencialmente *descritiva*. Wittgenstein não se cansa de insistir neste ponto (ver, por exemplo, IF §§ 109,124-28, 486, 496). Esta parece ser uma conclusão óbvia tão logo tivermos presente a função das *formas de vida*. Já não se trata de 'explicar' a linguagem no sentido de fundamentá-la ou justificá-la. Tudo o que é possível e o que é preciso fazer é descrever ou 'colocar simplesmente aí' os diferentes *jogos de linguagem*, e assim levar-nos a tomar consciência de seu funcionamento, ou de sua 'gramática'. (SPANIOL, 1990, p. 28)

Ora, tendo em vista que sua filosofia é descritiva, nada nos impede de garantir que também sua concepção de significado é descritiva, não obstante de sua semântica não ser implicitamente elaborada. O que podemos notar é que suas reflexões sobre linguagem dão a entender sua possível visão linguística como descritiva, como bem aponta Spaniol (1990).

3.5. Seguimento de regras

Até aqui fizemos apontamentos relevantes acerca da composição estrutural que gira em torno da semântica wittgensteiniana. Tomamos como ponto de partida as observações do filósofo austríaco, uma certa crítica filosófica sobre a linguagem e sua relação com o mundo do ponto de vista de Agostinho, o que ficou bastante

conhecido como “imagem agostiniana da linguagem”. Tal visão, para Wittgenstein, traz importantes fundamentos para o que viria fomentar numa discussão acerca de sua nova concepção semântica. Uma nova visão semântica surge devido sua rejeição ao seu antigo modo de pensar, e essa velha maneira de pensar encontra-se em sua primeira obra *TLP*, cujo conteúdo filosófico não é de nosso interesse aqui explanarmos.

Aparentemente a linguagem humana sustenta uma essência, um cerne fulcral, que está subjacente, conforme exposto na passagem de Agostinho nas *IF* de Wittgenstein. Como sabemos, tal excerto agostiniano (§1 das *IF*) forja uma ideia elementar: cada palavra aponta para um significado, isto é, o significado é o objeto referenciado ou designado pela palavra. O conceito de significado, que gira em torno da teoria agostiniana da linguagem, encerra a ideia que há para cada termo verbal um elemento referente (e extra-linguístico), que se dá pela prática do ensino a partir do ato de nomear. Faustino (1995, p. 12 e 13) comenta que a passagem elencada por Wittgenstein nas *IF*, mais especificamente no primeiro parágrafo, como dantes disséramos, trata de discutir a noção de “ensino” e a noção de “significado”. Entretanto, a partir do vínculo entre essas duas noções a linguagem é vista como uma atividade controlada por regras que podem ser aprendidas e ensinadas. Façamos então aqui um destaque para a questão das regras, breve voltaremos a elas, visto que é de fundamental relevância, e conseqüentemente a discutiremos como tópico principal neste momento da dissertação.

Wittgenstein demonstra que o conceito de significado situado no fundamento da imagem agostiniana teria lugar tão somente em uma ideia de como essa linguagem se realiza, isto é, em que contexto prático essa imagem realmente funciona a partir da linguagem em uso. Essa imagem do mundo ou essência da linguagem é sujeita ao que Agostinho descreveu como ato de aprendizagem. É na aprendizagem que se efetiva a linguagem, e, por conseguinte seu valor de significado, sendo apontado nessa relação: elemento da linguagem e elemento externo, extra-linguístico, no mundo.

Veja, qual prática pedagógica para Agostinho garante a relação de ensino/aprendizagem da linguagem, senão a ostensão, visto que esta pode efetivar a inclusão do termo linguístico (signo, palavra) no contexto elementar e primário que antecede a própria aquisição do termo? Wittgenstein admitirá essa postura de aprendizagem e aquisição dos termos, e afirma que ela consiste na prática do

“ensino ostensivo”: Para o filósofo, deve-se entender essa prática pedagógica como pertencente ao jogo do ensino ostensivo, isto é, esse mesmo jogo estabelece uma correspondência, uma espécie de regra correspondencial, entre aquilo que se quer e aquilo que se evoca, ou seja, o objeto do querer e o termo evocado linguisticamente, mais precisamente: o nome, a palavra. E esta mesma regra no jogo consiste em se fundamentar ao que Wittgenstein denomina de seguir regras. Como se dá esse seguimento de regras no contexto do ensino ostensivo? Quando há uma reação às palavras, trazendo-as ou designando-as às coisas ou elementos no mundo, e essa relação se dá pela ligação ou correspondência a partir do uso em seu contexto no jogo.

Bem, queremos frisar novamente o que já antes disséramos, na primeira parte deste trabalho: há uma prioridade do ensino ostensivo em relação ao que chamamos aqui de ato de denominar, ou simplesmente nomear. A prioridade se dá na constituição do significado, ou seja, este significado (*Bedeutung*) somente se constitui quando se considera, coletivamente, o contexto dos jogos de linguagem, pois são estas atividades da linguagem que determinam a compreensão e aplicação de uma expressão, uma construção linguística proposicional a partir da obediência às regras, seguindo-as em conformidades com os jogos da linguagem. Ou seja, o ensino ostensivo como treinamento não viola e não reduz o aprendiz a um modo uniforme de aplicação dos termos linguísticos, pelo contrário, tem como finalidade, precisamente, incluí-lo nos vários outros contextos e circunstâncias dos jogos de linguagem. Bem, chegamos num detalhe importante sobre mais um apontamento que objetivamos explanar, e que será de suma relevância para o contexto do seguimento de regras que virão a posteriori. Entretanto, é preciso ainda discutir um pouco, com intenção de fixar as reflexões acerca dos jogos de linguagem e sua relação com regras.

Há uma definição um tanto sustentável acerca do que seria “jogo de linguagem”. Aqui usamos esta: “a totalidade formada pela linguagem e pelas atividades com as quais ela vem entrelaçada” (*IF*, § 7). Desta totalidade é preciso entender que dentro do contexto das expressões linguísticas existe uma interação entre falante e ouvinte, onde cada um deles empregam essas mesmas expressões num determinado objetivo. E tal objetivo será interpretado conforme os vários usos contextuais dentro dos jogos, e os jogos introduzem reflexivamente uma perspectiva

de tornar claro como o significado do termo pode ser entendido e apreendido com o seu uso em uma determinada situação contextual e social.

Ora, com sua ideia dos “jogos de linguagem”, Wittgenstein traz de forma um tanto abrangente sua noção de jogo, por exemplo, quando ele tenta abarcar um conjunto de noções acerca dessa expressão, ele deixa em aberto uma variedade de interpretações, fazendo com que o termo jogo passe a ter uma flexibilidade de aspectos distintos e variados mediante uma recepção das regras e de como segui-las conforme cada jogo nos lances linguísticos e extra-linguísticos de comunicação. Daí se compreender o porquê que são variados os jogos, pois também são variados os significados. Os jogos são multiformes por que os falantes ou usuários da língua dão a esses mesmos jogos diversos tipos de finalidades contextuais, e diversas são as regras para executar esses jogos.

Como vimos nas primeiras páginas acerca do contexto do jogo de linguagem, esse mesmo contexto, para definir o significado durante o lance, passa a ser delimitado por um aspecto público do significado, e este aspecto público decorre do uso de regras públicas que formam o jogo de linguagem. Como já faláramos anteriormente, compreendemos os jogos de linguagem como uma categoria que comportada uma categoria menor das semelhanças de família e é parte de uma categoria maior, as formas de vida, entretanto há uma espécie de ligamento que efetiva, organiza e regulariza todas essas categorias conceituais como um todo. Wittgenstein as chama de regras, o objetivo dos falantes dentro de suas comunidades linguísticas é segui-las, daí nosso tópico aqui é adentrarmos na questão do “seguimento de regras”.

Veja-se que nas *Investigações Filosóficas* há uma consideração de Wittgenstein sobre uma observação especulativa de sua semântica, e essa consideração partiu de seu esforço em mostrar que o significado das palavras está correlacionado com o seu uso num determinado contexto, como já bem discutimos nas páginas anteriores. Exemplificando: o termo “manga” tem valores semânticos (isto é, significados) diferentes quando utilizado no contexto da biologia, da confecção de roupas, ou de até mesmo de uma forma de conjugação verbal (esta se tratando do verbo mangar). O uso que fazemos das palavras é fundamental para sua significação. Não basta somente definir o que é uma palavra relacionando-a com um objeto (no caso da imagem agostiniana), para que esta adquira significado, também é preciso elucidar os usos possíveis de tal palavra, visto que a linguagem

em seus determinados jogos tem uma função prática na vida da sociedade, isto é, entre os homens que usam da linguagem natural para se comunicar.

Ora, como salientamos, não basta conceituar os termos em seus devidos contextos. Torna-se imprescindível para a regulamentação dos usos em seus diversos contextos um ligamento. Como se dá esse ligamento? Essa regularização se dá pelo seguimento de regras. A temática sobre “seguir regras” é discutido por Wittgenstein com mais detalhes nos parágrafos 185 à 242. E o que são essas regras?

Na visão de Wittgenstein é válido salientar: quando já somos capazes de afirmar sobre nossas sensações, nossos comportamentos pessoais cuja determinação exige um critério público de identificação, nossas práticas apontam ou fazem referências a essas sensações e maneiras de se comportar durante nossas intercomunicações. Dito doutro modo, há uma referência e concordância intersubjetiva do modo como denominamos as sensações e nossos comportamentos mediante expressividade linguística, e essa referência estrutural, que chamamos de ligação é gerada por um comportamento comum entre os falantes. Daí se admitir necessidade de que a linguagem deva ser organizada a partir desse critério público.

Observemos que Wittgenstein menciona esse critério ao admitir que o significado dos termos está em seu uso, na postura como empregamos e usamos a linguagem no dia-a-dia. Se os critérios para compreensão do significado das palavras não são mais dados por objetos correspondentes às palavras (como afirma o mentalismo), então o critério absolutamente é outro, como mencionaremos a seguir.

De forma objetiva, e com base em Glock (1998, p 312) e Pereira (2012), podemos afirmar que esses critérios, são eles categorias abstratas que funcionam como padrões de correção linguística, e que podem determinar se o enunciado está sendo proferido corretamente e com significado. E como bem assevera Günther (1993 apud Ribeiro, s/d, p.8), “a relação entre o significado e a validade intersubjetiva de um símbolo pode ser especificada mais precisamente com as análises do conceito de regra feitas por Wittgenstein”. Isto é, como bem assevera Pablos (2013, p. 39):

A questão acerca de novos critérios que possibilitem a compreensão e a significação da linguagem sem, contudo, que para isso sejam estabelecidos parâmetros fixos ou *a priori* que os tornem possíveis, é apresentada por

Wittgenstein a partir da concepção de “regras”. Diariamente nós seguimos regras, sejam elas: regras de comportamento, regras religiosas, regras de trânsito, e assim por diante, por meio das quais nossas atividades são guiadas e corrigidas. Há, portanto, diferentes tipos de regras por meio das quais nossas práticas são governadas.

Apontemos aqui que o interesse de Wittgenstein com essas regras é referi-las como estruturas gramaticais que estabelecem um critério para o discurso com significado. Daí, poderemos afirmar que não se trata de regras gramaticais de uma língua natural particular, como por exemplo, o alemão ou português, mas trata-se de uma categoria abstrata e conceitual. Analisemos a passagem a seguir que se encontra nas *IF*:

Nossa consideração é, por isso, gramatical. E esta consideração traz luz para o nosso problema, afastando os mal-entendidos. Mal-entendidos que concernem ao uso das palavras; provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem. (*IF*, § 90)

Ora, muitos dos enganos e confusões acerca de problemas filosóficos no âmbito da metafísica e da epistemologia se dão, segundo Wittgenstein, por conta de não atentarmos criteriosamente a essas categorias abstratas que organizam, não somente delimitam ou regularizam os usos dos termos, mas de fato os colocam em ordem semântica. Dizemos “ordem semântica” por que entendemos a ordem dos fatos contextuais em que certos termos são empregados mediante os jogos de linguagem. Ou seja, essa não observação às regras gramaticais é que são frutos da má compreensão, gerando assim confusões filosóficas. Entretanto esse mal-entendimento se dissolverá somente quando colocarmos em prática a análise da palavra no contexto em que ela é empregada. Ora, como bem podemos frisar no excerto seguinte:

O conceito de “regra” diz respeito também a diferentes ações, dentre elas: guiar alguém, como quando uma série alfabética é ensinada; dar explicações como no caso de uma partida de xadrez onde um jogador ensina ao outro quais lances podem ser feitos; ensinar técnicas, como é o caso quando há uma ordem, uma sequência, para a execução de determinadas ações, entre outras.

Embora existam diferentes tipos de regras bem como diversas semelhanças e dessemelhanças por meio das quais podemos entender o conceito de “regras”, as regras que mais interessam a Wittgenstein são as regras gramaticais, através das quais há uma ordenação dos jogos de linguagem. É através da gramática que o sentido das proposições é constituído, uma vez que a gramática permite esclarecer os modos de uso das palavras e

das regras que acompanham seu emprego, evitando o entrecruzamento de jogos de linguagens diferentes e os excessos metafísicos. (PABLOS, 2013, pp 39 e 40) (observar nas *IF* o § 133²⁵)

Vejamos, tratamos até então da questão da regra e sua respectiva função: a correção gramatical. E é exatamente essa correção gramatical que impedirá as confusões (filosóficas ou de qualquer área linguística) ocasionadas pelo mal emprego de um determinado termo linguístico. E caso venha a ocorrer o mal uso que provoca o mal-entendimento, perder-se-á o cerne fundamental do discurso significativo, e além do mais, passaremos a tentar localizar o fundamento que dá base ao discurso até então empregado, evocado.

Bem, tratemos aqui de uma parte importante da discussão que Wittgenstein vai enxergar, e que embora ele a aponte, de outro modo tomará caminho distinto. Segundo Pereira (2012) Wittgenstein refuta a ideia mentalista da linguagem, de que o indivíduo recebia o conteúdo significativo do termo mediante a evocação da palavra. Mas isso traz problemas fundamentais, isto é, quando dois ou mais indivíduos evocassem os termos linguísticos, cada um deles teria uma ideia distinta do termo. Ou seja, o significado de cada palavra estaria dependente do sujeito que a evocasse, como queria a concepção referencialista. Então para anular esse incômodo linguístico (de que cada termo ou palavra estava na mente do sujeito que a pronunciasse) Wittgenstein delimitou outro critério que regulasse esse mal uso, evitando assim qualquer mal-entendido, a partir da concepção de linguagem como uso, prática e instituição, em que o significado dos termos não remetem mais a uma imagem mentalista, e sim ao uso que se faz das palavras mediante as regras, seguindo-as conforme o contexto dos jogos linguísticos e práticas sociais de comunicação.

Ora, vimos até agora uma discussão acerca do seguimento de regras, entretanto é preciso frisar um tópico importante acerca do seguimento de regra: para seguir uma regra eu preciso compreender a regra, todavia para compreender essa regra eu preciso interpretá-la, de todo modo interpretando-a de maneira subjetiva. As linhas seguintes tratarão desse modo subjetivo de interpretar as regras que se devem seguir.

²⁵ “Não queremos aprimorar ou completar o sistema de regras para o emprego de nossas palavras de maneira exorbitante. / Pois a clareza a que aspiramos é, todavia, uma clareza *completa*. Mas isto significa apenas que os problemas filosóficos devem desaparecer *completamente*.”

Muito embora já tenhamos como definitivas as afirmações quanto ao conceito de seguir regras, as aplicações, diretrizes e sua interpretação, entretanto, o que as regras exercem sobre nossas práticas permanecem um ponto obscuro até o presente momento, o que faz delas um ponto chave para as interpretamos subjetivamente. Essa parte da discussão diz respeito aos processos envolvidos no modo como somos conduzidos e como seguimos regras no dia-a-dia.

Como dissemos, as regras são categorias conceituais de ligação e segui-las é seguir uma ordenação estrutural que organiza, efetiva nossas evocações, nossas estruturas linguísticas emaranhadas nos discursos que proferimos cotidianamente. E como não destacar na própria fala de Wittgenstein o conceito de seguimento de regras? Vejamos o que o filósofo tem a nos dizer no § 199:

O que denominamos “seguir uma regra” é algo que apenas *um* homem poderia fazer apenas *uma* vez na vida? – Trata-se, naturalmente, de uma observação para a *gramática* da expressão “seguir a regra”.

Não é possível um único homem ter seguido uma regra uma única vez. Não é possível uma única comunicação ter sido feita, uma única ordem ter sido dada ou entendida uma única vez, etc. – Seguir uma regra, fazer uma comunicação, dar uma ordem, jogar uma partida de xadrez são *hábitos* (usos, instituições).

Compreender uma frase significa compreender uma língua. Compreender uma linguagem significa dominar uma técnica.

E mais à frente, nos §§ 202 e 206 ele ainda afirma: “Seguir regra é uma prática” e “seguir uma regra é análogo a cumprir uma ordem. Treina-se para isso e reage-se de uma maneira determinada.”. Portanto, seguir regras é seguir os parâmetros conceituais e estruturais de um termo constituído a partir da evocação e proferimento proposicional, e sempre devemos remeter ao uso que fazemos dessas regras em um determinado contexto e jogo de linguagem. Estruturas gramaticais, regras, normatividades, formas de vida (bem como suas categorias conceituais menores: jogos de linguagem e semelhanças de família) e significado são interdependentes. Compreender uma palavra corresponde necessariamente a sua correta aplicação em seu contexto de utilização, uma espécie de elo entre essas partes (categorias conceituais: jogos de linguagem, etc) e o ligamento (regras) que se coadunam para a apreensão do significado. É no contexto que a palavra ganha vida, no campo do contexto ela é empregada, ela tem um objetivo (função), por isso ela é uma prática social e linguística. (PEREIRA, 2012)

Podemos ter como legítimo o ato de estabelecer a interpretação como critério para entender o processo de seguir regras, todavia poderemos incorrer na dificuldade de estarmos sempre diante de novas interpretações possíveis, o que poderíamos dar evasão ao absurdo *ad infinitum*. Como vimos, não haveria um critério último que pudesse garantir, de correção e muito menos justificar a normatividade da linguagem quando todas as interpretações que são postas fossem identificadas. Daí que algumas questões podem ser expostas, entre elas: sob quais condições seguimos uma regra, ou seja, como uma pessoa aprende a aplicar uma regra? E se a seguimos, como saber se tais regras foram seguidas coletivamente por todos os indivíduos numa comunicação? Ora, as respostas às essas perguntas estão relacionadas às interpretações que fazemos das regras.

A resposta às perguntas feitas acima são bem claras. Sabemos que uma regra estabelece uma espécie de padrão de correção e incorreção e permite eliminar os usos incompreensíveis e metafísicos dos termos, frases e expressões, cabendo-nos então a discutir as interpretações feitas pelas pessoas ao aplicarem as regras. Ter em mente como se deve aplicar as regras é uma questão de dominar uma técnica por meio de exemplificações e não ir sempre à procura de uma nova regra para guiar sua aplicação. E conforme Dall’Agnol (2011, p. 126 e 127), Wittgenstein sustenta que as pessoas têm um bom modo de julgar as aplicações das regras. Como as regras podem ser carregadas de ambigüidades, os falantes procuram outras regras para que os possam guiar na comunicação. Desse modo, Hacker (Apud Dall’Agnol, 2011) também corrobora: “o processo termina num bom julgamento, não numa regra não ambígua”.

À vista disso, o que certifica a compreensão às regras é a sua própria aplicação, ou seja, estamos cientes do emprego a partir da ação segundo as regras. Vejamos, para que um falante compreenda a regra, devemos tornar claro os critérios, as normas, os regimentos do uso, etc. É preciso esclarecer essas normas por meio da prática ou do treino das mesmas. Na prática comum da linguagem, as regras são efetivadas quando as normas tornam-se expressão técnica de regularidades, do agir conforme as regras. De acordo com Wittgenstein:

Seguir uma regra, fazer uma comunicação, dar uma ordem, jogar uma partida de xadrez, são hábitos (usos, instituições). Compreender uma frase significa compreender uma língua. Compreender uma língua significa dominar uma técnica. (§ 199)

Por fim, podemos destacar os pontos seguintes acerca da compreensão e agir conforme regras: i) obedecer as regras, agindo conforme as normas é uma práxis; ii) a compreensão das regras é conferido ao falante quando este emprega-as conforme as regularidades num ato de comunicação, iii) a ação é a norma por meio da qual reconhecemos o emprego correto das regras, e iv) o falante que compreende as regras de uso de uma dada sentença deve ser capaz de esclarecê-la. (DIAS, 2000, p. 61).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das descrições que fizemos até aqui, nossos resultados não nos levam a essa etapa como “conclusão”, mais justo é denominarmos-la como “considerações finais”. Isto é, a nossa tentativa de descrever o tema acerca da noção de significado nas *IF*, em outras palavras, acerca da semântica filosófica em Wittgenstein, ficou ainda em aberto com o intuito de dar continuidade a outras pesquisas sobre a mesma temática.

Como já dito, chegamos em algumas considerações neste trabalho. A seguir enumeramos as principais, visto que nosso caminho neste trabalho, embora saturado de limites, propiciou-nos chegar até elas. Ora, o resultado nos foi satisfatório, especialmente por nos dar uma nova concepção da imagem linguística, bem como nova imagem semântica em Wittgenstein. Vejamos, então, as considerações:

Uma primeira consideração que podemos notificar é a apresentação da nova imagem a partir dos jogos de linguagem. Wittgenstein ao ter recusado seu modo antigo de pensar, o faz tão somente pela crítica à tradição acerca do conceito de linguagem, cujo filósofo, Agostinho, é alvo de suas críticas, muito embora fundamente sua nova imagem semântica. De uma incoerente imagem referencialista (referencial) ou ainda da nomeação, Wittgenstein projeta teoricamente uma nova imagem: uma semântica do uso, melhor dizendo: da descrição a partir do uso.

Uma segunda consideração: Wittgenstein rejeita definir o conceito de “significado” (*Bedeutung*) nas *IF*. A obra, em momento algum faz referência a uma definição terminológica exata acerca do termo “significado”. Ora, isso de fato é óbvio, porquanto o próprio Wittgenstein é perfeitamente coerente com seu novo modo de pensar, isto é, ele não está preocupado em dar definições, mas em oferecer descrições acerca da linguagem, o que inclui sua semântica. Obtemos, pelo menos estes aspectos para sua “semântica”: i) uma observação inicial é a respeito do conceito de significado é que ele está isento de uma categorização convencional, aquela extraída de uma gramática normativa, ii) está inserido numa complexidade onde o fenômeno linguístico fica incapaz de ser analisado por uma semântica apenas das frases, iii) o significado tem uma implicatura conversacional e contextual de uso, onde são considerados questões acerca do emprego a partir da

comunicação, iv) seu aspecto mais importante parte de uma noção onde sua semântica se inviabiliza para o contexto de análise, quando na verdade trata-se de uma pragmática, isto é, é possivelmente coerente e mais justificável identificá-lo como significado pragmático, este extraído do uso a partir da comunicação entre os falantes de uma língua.

Uma última consideração: as categorias conceituais, que funcionam como “eixos” (semelhanças de família e regras) dos jogos de linguagem, que é parte da “engrenagem” (forma de vida), permitem descrever o funcionamento da linguagem, bem como as implicações que dela se podem derivar: a gramatical, a lexical, e por fim, a semântica. E como já dantes dito na primeira consideração, entendemos e classificamos sua nova imagem como imagem descritiva mediante o uso.

Por fim, posteriormente a tantas descrições e apontamentos, supomos ter chegado a último percurso de nosso trabalho até aqui. Tendo considerado o propósito com a qual esta pesquisa foi realizada, isto é, a de tratar de descrever as etapas fundamentais da semântica filosófica em Wittgenstein, levando em conta as perspectivas que se abrem para reflexão de sua nova forma de pensá-la, isto é, descrevemos a nova semântica de Wittgenstein, pondo-a em relação com antiga imagem (agostiniana) tradicional inclusive. Esperamos, com isso, contribuir para o fomento das pesquisas em torno desse tema, que, por si mesmo foi de útil relevância às futuras pesquisas sobre semântica wittgensteiniana

REFERÊNCIAS

- AQUINO, F. L.. Conceitos e semelhanças de família em Wittgenstein: uma leitura das Investigações Filosóficas. **Kínesis**, Marília, v. IV, n° 07, p. 50-61, Julho, 2012.
- ALCOFORADO, P. **Introdução**. In: **Frege, Lógica e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Editora da USP, 2009.
- BELL, David. **On the translation of Frege's Bedeutung**. Analysis, 1980. Acessado em: <http://analysis.oxfordjournals.org/> at Sheffield University em 23 de Abril de 2017.
- BUCHHOLZ, Kai. **Compreender Wittgenstein**. Tradução: Vilmar Schneider, Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- CARVALHO, Marcelo S. **Imagem e Dissolução: Entre as Investigações e Da Certeza**. 2006. 200 f. (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- CHILD, William. **Wittgenstein: Introdução**. Tradução: Roberto Hofmeister Pich. Porto Alegre: Penso, 2013.
- CID, Rodrigo. Resenha de: FREGE, Gottlob. (1892). Sobre o Sentido e a Referência. In: ALCOFORADO, Paulo (org. e trad.). **Lógica e Filosofia da Linguagem**. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1978. (Review from 'On sense and reference', Frege). **Intuitio**, Porto Alegre, v. 6, p. 253-262, 2013.
- DALL'AGNOL, Darlei. **Seguir regras: uma introdução às Investigações Filosóficas de Wittgenstein**. Pelotas: Ed. Da UPel, 2011.
- DIAS, Maria C. **Kant e Wittgenstein: Os limites da linguagem**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- DONAT, M. Formas de vida e constituição do sentido. In: SEMINÁRIO DE PESQUISAS EM CIÊNCIAS HUMANAS DA UEL, 2008, Londrina - PR. **Anais do VII Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas da UEL**. Londrina, 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/anais_capa.htm> Acesso em: 22 maio. 2016.
- _____, **Linguagem e significado nas Investigações Filosóficas de Wittgenstein: uma análise do argumento da linguagem privada**, 2008. 160f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.
- FAUSTINO, Sílvia, **Wittgenstein: o eu e sua gramática**. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- FREGE, Gottlob. **Lógica e Filosofia da Linguagem**. Trad. Paulo Alcoforado. São Paulo: Edusp, 2ª Ed., 2009.

GLOCK, Hans-Johann, **Dicionário Wittgenstein**. Tradução: Helena Martins, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.

GRAYLING, A. C. **Wittgenstein**. Tradução: Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

GÜNTHER, K. **The sense of appropriateness**. Albany: SUNY Press. 1993.

HACKER, P. M. S. **Insight and Illusion. Wittgenstein on philosophy and metaphysics of experience**. Oxford: Clarendon Press, 1972

HEBECHE, L. A.. Não pense, veja! Sobre a noção de semelhanças de família em Wittgenstein. **Veritas**, Porto Alegre, v. 48, p. 31-58, 2003. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=HEBECHE>, Acesso em: 22 maio 2017.

HINTIKKA, J. & HINTIKKA, M. **Uma Investigação sobre Wittgenstein**. Tradução: Enid Abreu D. Campinas: Papirus Editora, 1994.

HOSSEINI, Malek. **Wittgenstein und Weisheit**. Kolhammer, Germany, 2007.

LUNA, J. M. G. **Sentido e Jogos de Linguagem nas Investigações Filosóficas**. 2009. 116 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

MARQUES, Edgar. **Wittgenstein & o Tractatus**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

MARTINS, H. F.. Sobre a estabilidade do significado em Wittgenstein. **Veredas** (UFJF. Impresso), Juiz de Fora, v. 7, p. 19-42, 2001. Disponível em: <https://www.google.com.br/search> Acesso em: 22 maio 2017.

MORENO, Arley R. **Wittgenstein: os labirintos da linguagem: um ensaio introdutório**, São Paulo: Editora Moderna, 2000.

MOYAL-SHARROCK, D. & BRENNER, W. H. **The Third Wittgenstein: the post-Investigations works**. Aldershot: Ashgate, 2003.

MULINARI, F.; SANTOS, B. S. Agostinho e Wittgenstein em torno da linguagem: o problema da significação. **Mirabilia**, Vitória, v. 20, 2015. Disponível em: <https://ddd.uab.cat/record/136941> Acesso em: 22 maio 2017.

OLIVEIRA, Manfredo A. **Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea**, São Paulo: Edições Loyola, 2006.

PABLOS, Mayara R. **As contribuições de Wittgenstein para a filosofia do direito: uma análise da linguagem e suas regras**. 2013. 125 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

PEARS, David. **As ideias de Wittgenstein**. Tradução: Octanny S. Da Mota e Leonidas H. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.

PENHA, João da. **Como ler Wittgenstein**, São Paulo: editora Paulus, 2013.

PEREIRA, A. "Seguir uma regra" nas Investigações Filosóficas de Ludwig Wittgenstein. IX Sepech - Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas, 2012.

Filogênese, Marília, v. 6, p. 39, 2013. Disponível em:

<http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech12/sumarioanaisAUTOR.htm>. Acesso em: 22 maio 2017.

RIBEIRO, K. P. Seguir regras nas Investigações. **S/D**. Disponível em :

www.academia.edu/4796795/Seguir_regras_nas_Investigações_de_Wittgenstein, Acesso em: 22 maio 2017

RODRIGUES FILHO, A. A.. Frege e a Filosofia da Linguagem. **Vertentes** , v. 33, p. 185-196, 2009. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/vertentes/Vertentes.../abilio_rodrigues. Acesso em: 22 maio 2017.

SANTOS, Felipe R. L. **O pensamento como figuração**. Salvador: 2010. 127 f. (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2010.

SILVA, M. O. S. **Wittgenstein para além da linguagem Agostiniana**. Recife: Editora: Universitária UFPE, 2012.

SOUZA, L. O. **Wittgenstein e a concepção agostiniana da linguagem**. 2007. 92 f. (Mestrado em Filosofia) – Pós-graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2007.

SPANIOL, W.. Formas de Vida: significado e função no pensamento de Wittgenstein. **Síntese**, Belo Horizonte, v. 17, p. 11-31, 1990. Disponível em: <faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/1720>. Acesso em: 22 maio 2017.

_____, **Filosofia e Método no segundo Wittgenstein**. São Paulo: Loyola, 1990.

STERN, David G. **Wittgenstein's Philosophical Investigations: An Introduction**. Cambridge: University Press, 2004.

VARGAS, Walterson J. Sobre a relação de nomeação: A crítica de Wittgenstein a Agostinho e a recepção dessa crítica. **Estudos Filosóficos**, nº 2 , 2009. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/.../revistaestudosfilosoficos/art10-rev2.pdf>. Acesso em: 22 maio 2017.

VON WRIGHT, G. H. **Wittgenstein**. Oxford: Basil Blackwell, 1982.

WILDE, Carolyn. **Certainty: A discussion of Wittgenstein's Notes on Certainty**. London, 1976.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Tradução: Luiz Henrique L. dos Santos. São Paulo: EDUSP, 2010.

_____, **Investigações Filosóficas**. Tradução: José Carlos Bruni. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1984.

_____, **Investigações Filosóficas**. Tradução: Marcos G. Montagnoli. São Paulo: Editora Vozes, 2014.

_____, **Gramática Filosófica**. Tradução: Luís Carlos Borges. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

ZUNINO, Tatiane Boechat A. **O domínio prévio à definição das palavras: crítica à proposição como lugar do sentido a partir das Investigações Filosóficas de Wittgenstein**. 2014. 108 f. (Doutorado em Filosofia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.